



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO PRÓ-
REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO INSTITUTO DE
EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

DISSERTAÇÃO

**VOZES EXTRAORDINÁRIAS: FALAS, GRITOS, SUSSURROS, ESCRITAS E
SILÊNCIOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

ANA CLARA DOS SANTOS ROHEM CONTRERA

Seropédica (RJ)

Dezembro, 2016

ANA CLARA DOS SANTOS ROHEM CONTRERA

**VOZES EXTRAORDINÁRIAS: FALAS, GRITOS, SUSSURROS,
ESCRITAS E SILÊNCIOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Sob a Orientação do **Professor Dr. Carlos Roberto de Carvalho**

Seropédica (RJ)

Dezembro, 2016

372.21
R737v
T

Rohem, Clara, 1984-

Vozes extraordinárias: falas, gritos, sussurros, escritas e silêncios na
educação infantil / Clara Rohem. – 2016.

84 f.

Orientador: Carlos Roberto de Carvalho.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação
em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas
Populares.

Bibliografia: f. 84

1. Educação infantil - Teses. 2. Professores -
Formação - Teses. 3. Narrativa (Retórica) - Teses.
4. Prática de ensino - Teses. I. Carvalho, Carlos
Roberto, 1950. II. Universidade Federal Rural do
Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em
Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas
Populares. III. Título.

ANA CLARA DOS SANTOS ROHEM CONTRERA

**VOZES EXTRAORDINÁRIAS: FALAS, GRITOS, SUSSURROS,
ESCRITAS E SILÊNCIOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

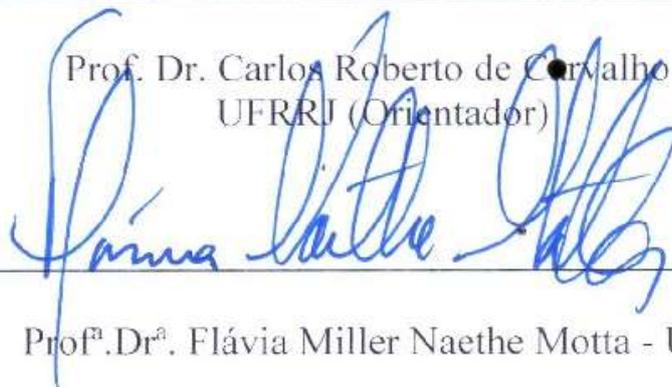
Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, no Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES. Linha de Pesquisa: 1

Dissertação aprovada em: 14 / 12 / 2016

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Carlos Roberto de Carvalho –
UFRRJ (Orientador)



Prof^a.Dr^a. Flávia Miller Naethe Motta - UFRRJ



Prof^a.Dr^a. Marisol Barenco Corrêa de Mello - UFF

Para Renata, a menina com a voz mais extraordinária de todas, que mostrou, bem no início de minha caminhada como professora, através de suas narrativas, que o mundo não precisa ser tão cinza como por vezes teima em se mostrar.

AGRADECIMENTOS

De todas as poesias da vida considero o agradecimento a mais bonita. Agradecer, para mim é sinonimo de agradar, agraciar e engrandecer aqueles com quem se vai caminhando vida afora;

Agradecer é a poesia dos gestos: o braço apertado, o brindar dos copos, o beijo no rosto, na testa, na boca; a voz embargada; o olhar marejado; a gargalhada que ecoa. Minha poesia hoje é endereçada: tem nomes, sobrenomes e apelidos:

Para Ana Luisa, parceira dessa vida e de muitas outras (tenho certeza) toda gratidão e amor por sua compreensão às minhas ausências, minhas manias e chilikues. Gratidão por compartilhar meus sonhos, por se fazer parceira também na elaboração deste texto lendo trechos e opinando sobre eles; gratidão por me fazer sair muitas vezes da frente do computador “só” para mostrar uma coreografia nova ou fazer uma careta para me fazer sorrir. Obrigada, minha moleca: tea mo muito e para sempre!

Para Alexandre Araújo, meu parceiro de vida, minha gratidão pelo carinho infinito em forma de café fresco durante as noites que passei em claro para a feitura dessa escrita. Obrigada, meu bem, por todo seu cuidado e amor comigo e com minha pequena Ana Lu;

À minha querida avó Maria José agradeço pelo ensinamento de que a luta de uma vida inteira se faz com simplicidade, firmeza e amor pelo próximo e pelas histórias. Te amo, vovózinha!

Ao meu pai, Celso Rohem: gratidão por me ensinar desde a infância que a vida não se faz sem luta, sem amigos e sem comemoração das pequenas vitórias cotidianas. Obrigada, pai. Te amo!

À família Rohem, em especial minhas irmãs, primos e primas, agradeço pelo apoio e demonstração de confiança e afetividade; gratidão também à família Araújo que me acolhe, apoia e incentiva com amor e zelo.

Aos meus companheiros de mestrado da turma 2014: muito, muito, muito obrigada pelo compartilhamento de sonhos, de angústias, de informação e de risadas. Em especial agradeço a minha “gêmea” Priscilla Bezerra antes de tudo e acima de tudo pelo encontro – tenho certeza que caminharemos juntas muitas existências mais! A Luiz Nolasco agradeço a perceria, disponibilidade e solidariedade: sem vocês, certamente, o caminho seria infinitamente mais difícil.

Aos mais-mais do meu coração Flávio Anisio Andrade e Verônica Mascarenha agradeço a amizade sempre presente. Vocês fazem parte do início das coisas e por isso minha gratidão a vocês nunca terá fim.

Gratidão às minhas companheiras de trabalho do EDI Luiza Paula da Silveira Machado pelo suporte durante a realização desta pesquisa. Em especial às amigas Aline Laia, Beatriz Helena e Paula Lopes por “segurarem as pontas” sempre que necessário – dentro e fora da escola; minha gratidão à professora Estela Andrade pelos abraços apertados e por todas as palavras extraordinárias compartilhadas; gratidão à professora Andréa Coelho e as agentes de educação infantil Cirene Curty e Nilcea Rodrigues por ajudarem a conciliar os

fazeres pedagógicos principalmente durante o primeiro ano de mestrado. Nunca esquecerei a generosidade de vocês!

Às professoras/doutoras Flávia Miller Naethe Motta e Marisol Barenco Corrêa de Mello gratidão por aceitarem fazer parte da composição da banca de qualificação e defesa dessa dissertação e principalmente pelos diálogos que possibilitaram o alargamento desta escrita.

Ao meu querido amigo, professor, doutor e orientador Carlos Roberto de Carvalho minha gratidão e meu amor por tornar possível para o sonho do mestrado; gratidão por ter sido sempre tão compreensivo sobre minhas condições de vida; gratidão por ser sempre tão generoso, poético e ouvinte; gratidão por escolher acolher todas as dificuldades que, muitas vezes, o mundo acadêmico escolhe segregar; gratidão pelas palavras, pelas gargalhadas e principalmente pelo amor praticado nos mínimos detalhes. Minha gratidão nunca será suficiente. Amo tu!

A esta espiritualidade amiga que me cerca e carrega no colo quando não mais posso suportar as agruras do mundo físico; a esta mesma espiritualidade que faz com que eu sinta que um amigo devotado está perto de mim e participa também das minhas alegrias; ao meu bom anjo que não me abandona, que sabe que tenho necessidade de toda sua proteção para suportar com fé e amor as provas que tenho que passar; à minha querida mãe Albina que zela por mim no mundo espiritual; aos amigos espirituais da casa Antônio de Aquino; a este raio de sol que começa a entrar pela janela fazendo-me lembrar que a misericórdia e bondade de Deus são infinitas: minha gratidão.

RESUMO

ROHEM, Clara. **Vozes extraordinárias: falas, gritos, sussuros, escritas e silêncios na educação infantil**. 2016. 84 p. Dissertação (Mestrado em Educação) Instituto de Educação / Instituto Multidisciplinar / PPGEduc / Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, RJ. 2016.

O cotidiano na Educação Infantil é atravessado por inúmeras vozes carregadas de diferentes sentidos. Isto implica pensar, no entanto, o lugar destinado às práticas narrativas na sociedade e como estas acontecem. Implica saber que a narrativa oral e escrita possuem valores diferentes dependendo do contexto em que sejam aplicadas e, mesmo as narrativas escritas possuem pesos diferentes, dependendo da linguagem que apresentem. Os discursos produzidos academicamente têm acolhido e anunciado quais vozes deste cotidiano? Considerar que as narrativas que atravessam esse cotidiano são mais que simples historietas ou tentativas de conceituação científica levam-nos ao pensamento de que são elas fios condutores de experimentação. Portanto, o lugar de acontecimento das experiências formativas na Educação Infantil, seja para professores, crianças ou mesmo responsáveis, perpassam pela consciência de que uma palavra, ao encontrar com palavras outras, dotam de significados o universo circundante. O sujeito comum, ordinário, de que fala Michel de Certeau, através de sua relação com as narrativas incide sobre o cotidiano fazendo com que este seja sempre um acontecimento único, ou, em outras palavras, é o homem ordinário que através do uso da língua transforma o cotidiano também no lugar do extraordinário. Esse cotidiano extraordinário é perpassado ainda pela relação que cada sujeito constrói com a palavra e com a linguagem como um todo. Assim, a pesquisa aqui apresentada esteve sempre tensionada entre a relação da Professora/Pesquisadora com a literatura e com a linguagem mais usual da academia. Portanto, o modo de apresentar a pesquisa será através de um diálogo (ego e alter ego) entre a Professora e a Pesquisadora com inúmeras recorrências a diferentes estilos literários (contos, crônicas e narrativas) objetivando transparecer o máximo possível da polifonia investigada por Mikhail Bakhtin, que fundamenta teoricamente esta investigação.

Palavras chave: cotidiano; educação infantil; formação de professor; narrativas.

ABSTRACT

ROHEM, Clara. **Extraordinary voices: speeches, shouts, whispers, written e silences on child's education**. 2016. 84 p. Dissertation (Master of Education) Institute of Education / Multidisciplinary Institute / PPGEduc / Rural Federal University of Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, RJ. 2016.

The daily life in Childhood Education is crossed by countless voices charged with different senses. This implies, however, thinking about the place for narrative practices in society and how they happen. It implies knowing that oral and written narratives have different values depending on the context in which they are applied, and even the written narratives have different weights, depending on the language they present. What voices of this quotidian the academic speeches received and announced? To consider that the narratives that cross this quotidian are more than simple little stories or attempts at scientific conceptualization lead us to the thought that they are conductive threads of experimentation. Therefore, the place of the formative experiences in Early Childhood Education, whether for teachers, children or even responsible, permeates the consciousness that one word, when encountering with other words, endow the surrounding universe with meanings. The ordinary individual, who talk about Michel de Certeau, through its relationship to narratives, focuses on everyday life making it always a unique event, or, in other words, it is the ordinary subject who through the use of the language also transforms daily life in the place of the extraordinary. This extraordinary daily life also permeates the relationship that each subject constructs with the word and with the language as a whole. Thus, the master's research in question was always strained between the relation of the teacher/researcher to literature and to the more usual language of the academy. Therefore, the way to present the research will be through a dialogue (ego and alter ego) between the Teacher and the Researcher with innumerable recurrences to different literary styles (short stories, chronicles and narratives) aiming to show as much as possible the polyphony investigated by Mikhail Bakhtin, who that research is theoretically based.

Keywords: child education; daily; teacher's identity; narratives.

SUMÁRIO

<i>A Gênese segundo Renata</i>	10
<i>A Gênese segundo a Professorinha</i>	11
<i>Para Renata, com carinho</i>	13
<i>A Voz endereçada de quem ouviu</i>	18
<i>Para a Pesquisadora: o encontro</i>	27
<i>Para a Professora: a procura</i>	36
<i>Caderno de Campo</i>	42
<i>Para a Pesquisa: a fusão</i>	47
<i>Para o cotidiano: literatura</i>	57
<i>Deu Zebra!</i>	64
<i>Para as vozes: audição</i>	67
<i>Para todos os dias: amorosidade</i>	73
<i>Uma Bailarina muito aluada</i>	80
<i>Para determinadas memórias: um ponto e vírgula</i>	82
<i>Referências:</i>	84

*A Gênese segundo Renata**A primeira da classe*

A gente gosta de ouvir histórias, tia. Ouvir histórias é legal, mas a gente gosta mais de histórias de medo... sabe tia, aquela história do menino pequeno é legal, mas não põe medo na gente. Nem bruxa, nem bicho-papão, nem nada disso! Eu não tenho medo disso não. Eu não te contei, tia? Aquele dia? Aquele vez que os meninos pularam lá em casa fugindo da polícia e minha mãe cozinhou pra eles? Eu não te falei? Depois teve tiro. Eu fiquei com medo porque aí veio o Caveirão¹. Você já viu, tia, como ele é feio? Tem uns dentes pra fora e minha mãe disse que ele gosta de comer gente.

Quando tem tiro a gente não dorme direito. Mas às vezes tem baile e a gente vai pra lá. Eu vou com minha mãe e com minha irmã no baile! É legal! Às vezes meu pai também vai. Às vezes não. É que às vezes ele tem que vender amendoim. Eu gosto tanto do meu pai, tia... O amendoim que ele faz não é gostoso, tia? Eu gosto quando ele vem me buscar aqui na creche porque depois a gente para ali no Manel. Ele me compra refrigerante e a gente chega em casa já de noite. Quando não tem tiro é legal, tia.

¹ Caveirão é o nome popular do carro blindado usado pelo batalhão especial de operações policiais da Polícia Militar do Estado Rio de Janeiro em incursões das favelas da capital fluminense. Definição disponível em >>> [<<< https://pt.wikipedia.org/wiki/Caveir%C3%A3o<<<](https://pt.wikipedia.org/wiki/Caveir%C3%A3o)

A Gênese segundo a Professorinha.

“Há quem pretenda
 que seu poema seja
 mármore
 ou cristal – o meu
 o queria pêssego
 pera
 banana apodrecendo num prato
 e se possível
 numa varanda
 onde pessoas trabalhem e falem
 e onde se ouça
 o barulho da rua.

[...]

um poema
 como um desastre em curso”

(GULLAR, Ferreira. Desastre. Barulhos)

Como não falar de Renata? Porque ela esteve no início das coisas... (agora preciso também falar que sou feita de parênteses. Abro-os e fecho-os a todo momento. Estou agora mesmo abrindo um para falar de minha avó). Chama-se Maria. Nordestina, arretada, porreta! Da arte de contar causos ela entende e o gosto de contar histórias ela me deu de presente. Sabe aquela vovozinha fofa, que ri com gosto e sempre mete uma música no meio das histórias? Então. Vó Maria é assim. Mulher simples, filha do roçado, disse que cresceu ouvindo histórias no terreiro: descalça, no chão de terra batida, na aridez nordestina.

Contava-me histórias incríveis: mula de padre; velha da “milouça” (até hoje não sei o que significa, mas parecia um personagem assustador); o caroço de milho; a peleja entre o macaco e a onça e, a preferida das minhas noites: a varinha de “condongo” – uma versão nordestina da Cinderela, cheia de trejeitos e expressões como “ôxe”, “Afe Maria” e “Crê em Deus Pai”.

No começo eu só ouvia e ao final de cada história eu pedia: conta de novo, vó? Ela ria

sonoramente e começava tudo de novo... até que um dia me pediu que lhe contasse uma história. Fiquei parada, pensativa, insegura, acho. Muito delicadamente, me levou para o quintal e descalças (nós duas embaixo do pé de manga carlotinha), me disse algo que nunca esqueci: Para se contar uma boa história é preciso, primeiro, que se acredite no que se conta; depois é preciso se divertir com as palavras que falamos desde o início... é preciso, especialmente, se preocupar com o início da história – o início das coisas é sempre muito importante.

Nunca mais esqueci esta lição. Costumo dizer a vó Maria que ela poderia fazer oficinas para contadores de histórias. Mas modesta que é, ela diz misturando palavras e suas risadas barulhentas: que nada, minha neta... eu já nem me lembro mais...

Então é por isso que falo de Renata. Ela foi o início. O meu início como professora da primeira infância; meu início aventureira na escrita para esta infância, entende? Foi ela que me fez pensar o lugar da infância pequena na sala de aula (depois comecei a pensar a infância em geral, mas no começo era a primeira infância que me preocupava porque justamente era a ela que me direcionava todos os dias).

Então, Renata me fazia lembrar da Varinha de Condongo quando trazia para sala de aula seus relatos cotidianos. E quando dei por mim estava ali, escrevendo para ela, tentando imprimir na escrita (e depois na oralidade) tudo o que minha avó havia me ensinado. E então escrevi “A princesa da baixada” e dei a ela, como quem dá algo muito valioso a alguém:

Para Renata, com carinho.

A princesa da Baixada

E vai de passo em tropeço
de folha em flor
Beija-flor em alecrim,
vai a menina ensinando
criança e adulto
tirar do casulo
borboleta e jasmim!

O Conselho das Fadas que gostam de contar histórias reuniu-se extraordinariamente esta semana para resolver um grande problema. Aconteceu que as fadas perceberam que passaram a vida contando as histórias das princesas de ponta-cabeça. É que as Fadas contadoras de histórias – quando ainda tinham asas e poderes mágicos – passavam os dias voando daqui para lá e ficavam meio zonzas. Por isso começavam sempre dizendo “era uma vez...” e terminavam sempre com “e foram felizes para sempre”.

Elas eram boas contadoras de histórias, mas atrapalhavam-se de tanto correr de um lado para o outro para acudir as princesas com seus poderes e varinhas de condão. (Acho até que foi para evitar essas confusões que nós, as Fadas, perdemos nossas asas e varinhas mágicas.) E foi assim que as histórias foram ficando todas erradas! Ser feliz para sempre não é o final: é exatamente quando os príncipes e princesas são felizes para sempre que a história começa! O que aconteceu depois que eles, príncipes e princesas, se casaram?

Desconfio que tiveram filhos. Seus filhos também tiveram filhas e os filhos de suas filhas tiveram outros filhos e filhas. Desconfio também que as princesas, depois que foram felizes para sempre, não moraram para sempre no mesmo reino: algumas delas viram fotos de outros países em livros, revistas e internet, se encantaram por esses lugares e se mudaram. É que elas se cansaram de viver para sempre em castelos tão grandes em cima de morros ou perto de bosques – Sim. Era chato viver para sempre cuidando da organização de tantos quartos, banheiros e salas de festas do castelo. Não era muito legal também passar a vida conversando só com passarinhos, ratinhos, pedras e anões encantados que vivem na floresta – e pediram com jeitinho aos seus maridos príncipes que construíssem casas mais simples n’algumas grandes cidades do mundo todo.

Ouvi dizer – um passarinho roxo de bolinhas amarelas me contou – que os filhos e filhas da Branca de Neve se casaram com africanos da tribo Iorubá; o filho da Bela se casou com uma portuguesinha cantora de Fado; A filha da Pequena Sereia – que era surfista – casou-se com um havaiano; A Cinderela veio morar no Brasil. Assim, seus filhos e filhas se casaram com brasileiros de todas as regiões: baianos, manauenses, gaúchos e cariocas. Foi assim que as famílias reais dos contos de fadas foram miscigenando, misturando as raças, as crenças e as classes. Os filhos dos filhos e as filhas das filhas das princesas não se casavam mais só com pessoas da realeza: casavam-se com camponeses, médicos, pedreiros, costureiras, professoras, bibliotecários, vendedores...

Estou contando-lhes essas coisas apenas porque o Conselho das Fadas Contadoras de história percebeu que a história das princesas começa de verdade quando todo mundo acha que terminou. Concluíram que antes disso não era história: era pré-história.

Tudo tem uma pré-história – que é a história que aconteceu antes da história começar – e ela é parte muito importante para a continuidade das histórias! Pensando nas histórias que aconteceram antes das histórias acontecerem é que a gente descobre as coisas! Foi só por conhecer toda essa confusão pré-histórica que eu, uma simples Fada-Professora-contadora de história (sem asa, sem varinha de condão, errante e participante do Conselho das Fadas), tive a sorte de reconhecer, dentre tantas outras princesas em uma sala de aula, uma descendente da linhagem da Cinderela. Uma representante real da Realeza! Que beleza! Todas essas coisas confusas e esquisitas que escrevi até aqui são, na verdade, a pré-história da História dessa moleca-princesa muito espevitada, dos cabelos cacheados, uma princesinha tão bela, chamada Isabela...

Em um certo reino da Baixada Fluminense vive uma princesinha espevitada, descendente da Cinderela, chamada Isabela.

O reino em que Isabela vive – como todos os reinos dos contos de fadas – é um reino cheio de festas e de perigos! As pessoas do reino fazem festa o ano inteiro: tem carnaval, tem quermesse, tem campeonato de sinuca e de futebol; tem festa de Santo Antônio e São João; Tem festa de aniversário na casa da Bia; tem festinha na casa do Felipinho também. Isa adora as festas, mas como toda princesa, ela prefere mesmo, os bailes!

E, por sorte, as pessoas do reino de Isabelinha são boas em fazer bailes! Todo final de semana tem um. Isabela se arruma toda, passa batom e não dispensa o sapatinho de cristal. Se o baile é funk, e só pode ir adulto, qual nada! Ela sempre dá um jeito... vai ao baile e dança mais que qualquer adulto: mata a pau! Como dança bem, a danada! E sabe todas as letras também. Requebra, desce, levanta, canta e gira. Deixa qualquer gente grande boba com seu

vai e vem.

Isabela adora as histórias das princesas, mas não entende como elas têm tanto medo de bruxa malvada, de pirata e dragão. – Encarar bruxa, pirata e dragão é mole! – Ela pensa. – Quero ver encarar polícia, bandido e o caveirão!

É que algumas pessoas do reino da princesinha, como muitas outras de outros reinos de hoje em dia, brigam por qualquer coisa: tudo é motivo de guerra. Ela sabe que existe – e até convive – com alguns homens maus. É que quando a polícia chega, eles pulam em seu quintal. Isa fica muito tempo com os irmãos maiores, e também ajuda a cuidar das irmãzinhas menores. É que a mãe da princesinha, embora seja muito zelosa, sai para a rua pra ganhar dinheiro, e dar aos filhos comidinha gostosa.

Isabela também ajuda no sustento: vai para os sinais vender bala, faça chuva de sol ou chuva de vento. A princesinha às vezes falta à escola: é que parece tudo uma grande perda de tempo. O pai da princesinha foi um dia um cavalheiro muito valente! Foi perdendo a valentia de tanto beber umas poções que o deixavam tortinho, diferente. Era o amor da vida de Isabela e fazia os melhores amendoins da praça! Um dia ele brigou com um homem mau. Isabela viu tudinho: viu o caçador virar caça!

A princesa sofreu muito. Seu sol escureceu, achou que não conseguiria, mas sobreviveu. E assim vai Isabela vida afora: às vezes sozinha, às vezes criança, às vezes princesa, às vezes senhora.

Mea-culpa

Há muito não sei de Renata. Sei que agora ela deve estar completando quatorze anos de idade. (Nossa! Quanto tempo! Convivíamos quando ela tinha três anos). Mas às vezes eu penso sim, que se tivesse oportunidade, diria a ela tantas coisas... Mesmo depois de tanto tempo ela me faz pensar. Em geral a gente amadurece, né? (acho que amadureci). Convivi com tantas outras crianças, conheci outras realidades em sala de aula, li tantas outras coisas depois dela que, sinceramente, hoje olho o conto que escrevi para ela e me dá uma certa angústia (vergonha? Não sei).

Me identifico no poema de Gullar. Aquela escrita era como “um desastre em curso”, mas que de certo modo, estava como queria: dialogando com os barulhos da rua e com nossos ruídos cotidianos que a sala de aula produzia... mas se pudesse, se tivesse agora seu endereço, se fosse permitido, endereçaria a ela a seguinte carta:

Sabe, Renata? Eu não sei se lhe disse e acho que não há mais tempo. Talvez haja. Há

quem diga que sempre há tempo. Mas em todo caso, mesmo que o tempo nos tenha afastado sobremaneira, gostaria que você soubesse minha querida, que você foi meu melhor início. Você foi a primeira criança que me fez parar diante de mim mesma. Foi a primeira, de muitas outras que vieram depois, que me fizeram pensar a educação infantil como um entremear de histórias. Nossas histórias, Renatinha. Muitas histórias.

Histórias reais que contam o cotidiano por vezes escondido embaixo das pilhas das coisas importantes que temos que fazer, não é mesmo? Às vezes pedem pra gente fazer um desenho sobre a paz pra colocar numa exposição que depois a gente nem pode ir ver, não é? Às vezes mandam a gente fazer orelhas de coelhos da Páscoa, mas a gente queria mesmo era conversar e se conhecer mais... É que é assim mesmo. Muitas vezes pra fazer o que a gente precisa fazer, temos que fazer um pouquinho do que eles querem que a gente faça.

Mas eu te devo desculpas, minha menina. É que quando eu te conheci eu nem sabia bem o que eu queria fazer. Não sabia o que era necessário fazer. E por isso também te devo um enorme agradecimento. Você me ensinou Renata, o que é importante. (Peço desculpas se digo a você agora, coisas talvez ainda incompreensíveis. Já faz tanto tempo, não é mesmo?) Devo te agradecer porque foi você a primeira criança que trouxera para mim a necessidade real da escrita como possibilidade de alargamento na relação Eu-Outro. Fora você, minha querida, que me fizera perceber que é o Outro que estará sempre no centro das relações (mais tarde conheci um bonito senhor chamado Bakhtin que também me ajudou a pensar sobre isso. Mas no começo era você, com todas suas palavras sobre o mundo)

Quando você me chegou na primeira das muitas segundas-feiras em que passaríamos juntas eu também chegara pra você com um enorme desejo de contar histórias. Eu só não havia entendido ainda, querida, que as verdades não são universais, que as vontades nem sempre dialogam e que, às vezes, nenhuma teoria dá conta da realização do cotidiano.

E então eu errei. Decidi contar histórias esperando ver em vocês rostos encantados e olhos brilhantes. Esperava que as histórias lhes provocassem encantamento e que as fizessem experimentar com ela todas as sensações que aquelas mesmas histórias suscitavam em mim. E como você deve lembrar, contei Chapeuzinho Vermelho; Cinderela e Branca de Neve; tentei o Pequeno Polegar, mas as coisas não saíram bem como eu imaginava, não é mesmo?

E aí você me fez existir. E você me parou, me incompletou. Mostrou-me que o mais necessário é ouvir. E eu te ouvi com todos os sentidos quanto pude. E quando você me contou sobre sua vida pude ver sua grandiosidade. Eu vi como você sabia das coisas, Renatinha.

Como você era sabida! (aposto que ainda é.) Lembra como você era espevitada? Como corria, mexia em tudo, falava alto e ainda por cima não levava desaforo para casa? A gente conversava muito sobre seu pai, não é? Você tinha tanto orgulho dos amendoins que ele fazia pra vender que uma vez pedimos pra que ele fosse lá na creche contar pra gente como se fazia “amendoins mágicos”. A gente escreveu a receita do amendoim e tudo. Que saudade, minha querida. Que saudade!

E você sabe bem o que é sentir saudade, não é mesmo? A gente chorou quando seu paizinho morreu. E depois eu fiquei triste muitas vezes e chorei muitas outras vezes quando você me contou que viu quando ele morreu. Foi triste mesmo, minha menina. Parecia que não ia passar nunca, não é mesmo? Ainda hoje não sei se passa...

Sabe que o moço que falei lá em cima, o Bakhtin, disse uma coisa que me deixou sob meu próprio julgo. Quero dizer com isso que o que ele disse me fez pensar se agi certo ou não com você e se ainda hoje ajo correto ou não com as crianças que passam pelas mesmas salas de aulas que eu. Ele disse que “o sentido da palavra é totalmente determinado pelo seu contexto” (1990, P.106). E daí que nós dissemos tantas coisas uns aos outros, não é mesmo? E eu entendi que todas aquelas histórias que eu contava para você e seus colegas fariam algum sentido quando vocês também se reconhecessem como protagonistas de suas próprias histórias. Então, minha querida, eu sentei e escrevi para vocês. Imaginei que aquelas palavras fariam algum sentido naquele contexto social em que nos víamos. Mas não sei se fiz bem, minha querida. Não sei...

A voz (endereçada) de quem ouviu

Um início singular

Quando tudo começou era a criança. E a criança era viva e voraz. E o Espírito infantil dava forma às coisas do mundo; e a criança era Renata. E disse Renata: dê-me um lugar no mundo! E você tentou partilhar com ela seu lugar. Foi isso?

Sim! No início era a criança! E a criança tinha voz de trovão e tinha a pele áspera; e tinha feridas pela pele. E a criança era Tauã. E Tauã pedia: Conte-me esta história! E então vocês escolhiam um livro. E você tateava o livro com ele. E juntos cheiravam o livro e falavam sobre ele. E liam as imagens dos livros e compartilhavam um lugar no mundo.

E você disse que no início era João. E João era livre! E contava histórias sobre cavalos voadores. E gostava da história de João e Maria e achava soluções. E João dizia: não se deve marcar a trilha com pão! Os pássaros vão comer! É melhor riscar as árvores com giz de cera. E João dividia contigo seu lugar no mundo.

E você também falou de Emannel? Ora... no início era também Emannel! E havia a vontade em Emannel de contar as coisas do mundo tal como vira. Mas Emannel contava um mundo cruel demais e disseram-no: haja silenciamento! E durante muito tempo, com sua voz negada, Emannel falava com atitudes: socos, murros, pontapés e mordidas. E você tentou ouvir Emannel e já não sabia como compartilhar com ele seu lugar no mundo...

Não. Você não se furtou em contar que no início eram muitas crianças e uma Professorinha – a Professorinha que você era – e que nada entendia da vida (você disse isso, não disse?). Era aquela Professorinha que estava interessada em contar o mundo para as crianças! Era aquela que não sabia o tanto de arrogância (palavras suas) que podia haver naquela boa intenção. E assim tentava de tudo: histórias de fadas e bruxas, de animais e de duendes. E havia fracasso. E seu espírito de Professorinha inquietava-se, dava cambalhotas e pensava em desistir.

No início era apenas uma Professorinha. A Professorinha que diziam que era: aquela mulher pequenininha que trabalha com aquelas criancinhas naquele lugar em que se brinca de escolinha! Porque professora mesmo, com “P” maiúsculo, ensina coisas importantes! Ensina matemática, física e química; ensina teorema e a composição dos tempos verbais! Você, coitada, só sabia mesmo ensinar coisas desimportantes. Aliás: nem ensinar tu ensinavas! Qualquer um podia fazer o que fazias!

Ora, ora... Vejam se não é a Professorinha figurada em muitos jornais como aquela

que é pouco talentosa² e só por isso escolheu a profissão! Vejam se não é aquela que aparece subalternizada em muitas pesquisas acadêmicas, incapaz de pensar sobre sua prática e de tornar-se, ela mesma, pesquisadora, ou, mais que isso, capaz de boas práticas pedagógicas.

Olhem mais um pouco e me digam se não é ela a povoar o imaginário social (FERREIRA, 1999 apud ANSART, 1978) como pessoa capaz de exercer uma profissão unicamente porque a partir da construção histórica sobre o lugar da mulher na sociedade

o magistério foi visto como um segundo lar, um desdobramento de uma atividade naturalmente praticada, um prolongamento de educar os filhos, numa combinação feliz entre professora competente e dona de casa amorosa (ARAGÃO e KREUTZ, 2012).

És tu? És tu! Sim! És tu!

As desimportâncias do caminho

“A importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças, nem com barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós”. Manoel de Barros

Se no começo das coisas fora a criança, fora também a Professorinha. E, sabe? Realmente tua escolha resultou em uma grande pena! Passara parte da vida ouvindo de seus Professores (com P maiúsculo) que tinha tudo para ser uma Professorona, mas, quando escolhera as crianças pequenas, apequenou-se igualmente. Atirou-se naquele lugarzinho em que nada de útil se produzia e que, fora dele, muitas vezes ouvia suas companheiras de profissão (sim! Mulheres. Todas mulheres!) balbuciar entre os dentes que eram professoras de educação infantil.

No início, o mundo da educação infantil era para ti todo um estado de coisas a descobrir. Era no início e ainda é, agora, não é mesmo? Mas bem no início, quando começaras a trabalhar com aquelas criancinhas pobres, filhas daquelas gatinhas invisibilizadas socialmente, precisarias encontrar meios de afirmar que era a Professorinha que julgavam por escolha. Precisarias encontrar voz para dizer que, embora muitos acreditassem que para ti não haveria outra profissão por falta de opção imposta pela vida que levaras até ali, estavas naquele lugarzinho por escolha; teu trabalho com as crianças precisaria justificar que, embora recebesse o piso salarial mais baixo da categoria, era sim um trabalho importante. Era triste,

² “Magistério tem dificuldade de atrair jovens talentosos para a carreira (...) Quem ingressa nos cursos de pedagogia, que formam os professores da educação infantil e do ensino fundamental, tem um perfil específico: baixo nível socioeconômico e pais com escolaridade baixa.” (in Folha de S. Paulo 15/10/2010)

muitas vezes, ter de justificar o tempo todo, tuas escolhas profissionais. Mas entenderas, já naquele início, que a justificativa seria a parte política de seu trabalho.

Me disseste, logo, logo, que no início era a criança. Mas demoraste um pouco a me dizer que, bem no início, era também a criança que foras. Aquela que sofrera muitos tipos de abandono e que também tivera sua voz silenciada, assim como aquelas Outras que marcariam para sempre o começo de tua vida profissional. Os Outros. Aqueles Outros que traziam para ti a consciência adormecida de que também já estiveras no início das coisas; aqueles Outros que cismavam em lembra-la que também foras uma criança, que também já enxergaras o mundo mais colorido ou mais cinza; que também já tiveras impulsos de dizer coisas sobre o universo do qual participava e que também foras ensinada, aos poucos, a não dizer aquilo que os Outros não podem suportar.

Retornaste então à sua infância e a dividiste comigo. Retornaste àquela rua de paralelepípedos altos e calçadas estreitas, em sua grande maioria coberta por caquinhos de azulejos, que lhes serviam de palco para ser a grande cantora nos fins da tarde. Aquela rua sem saída do subúrbio do Rio, onde o calor escaldante permitia que as crianças brincassem até tarde da noite e que fizessem coisas de crianças, como apertar a campainha da casa da velha Alzira, vendedora de doces onde se podia comprar para pagar depois. Reencontreste Priscila, Jéssica, Vinícius e Dayane. Todos com suas roupinhas de escola e com seus desejos de correr e andar de bicicleta e de patins e de skate. Mas retornando a pequena Vila em Realengo precisaste também retornar a casa onde passaste tua infância:

Outra voz, a mesma infância.

A casa era grande e velha. Era escura e sem ventilação. Logo na entrada podia-se ver a área de serviços. Retomei então meus oito anos e todas as tarefas domésticas que precisava realizar. Virei novamente o balde para alcançar o tanque e lavei minhas peças de roupa. Depois ouvi gritos o fui alavancada pelo braço para lavar novamente até que tudo ficasse bem lavado. E lavei cada peça de roupa. E estendi todas elas. E depois lavei a louça e varri a casa e apanhei porque as coisas não estavam bem feitas e era preciso que deixasse de ser preguiçosa!

A mulher que me cuidara, aquela que deveria ser referência maternal, esticara-me mais uma vez o braço e colocara sobre ele uma pilha de roupas bem passadas. No outro braço, equilibrava os cabides, com todo cuidado, para que nenhuma blusa tocasse o chão. Caminhei com cuidado até a casa de dona Odete e depois trouxe para a mulher que lavara e passara as roupas o dinheiro pelo seu serviço. Às vezes sentia vontade de dizer para Odete como era

chato e cansativo ter de levar as roupas; outras vezes sentia vontade de contar para a mulher que lavara as roupas as coisas que via e que ouvia enquanto realizava a tarefa. Nenhuma delas, no entanto, estavam interessadas em ouvir.

Deus! Como era difícil retornar àquele lugar! Ali sentia dores de cabeça e enjoo. A noite se aproximava e havia medo. Aquele quarto sem janela e aquela escuridão solitária e todos aqueles monstros e todas aquelas ameaças... era demais! Rezava silenciosamente enquanto passava a noite acordada suplicando que o dia não tardasse a amanhecer para que pudesse ser feliz naquele lugar que escolhi como meu lugar no mundo: a escola.

Foi necessário retornar ao início das coisas para que eu pudesse entender que a escolha de permanecer como Professorinha daquelas crianças não acontecia isoladamente, sem articulação com tudo o que fora até ali. Esconder de mim mesma essa descoberta seria uma espécie de bitolação, apoiada na armadilha do recorte. Seria toda a boa intenção de destacar com a tesoura na área pontilhada e depois pegar aquele fragmento e por numa lupa para enxergar o mínimo daquela imagem. Enxergar o mínimo estabelecido por minhas certezas, que certamente se apoiam também nas certezas e nas memórias³ de outros, e disso, não teria mais como fugir.

A noite ia chegando outra vez. A vila, a velha casa, os amigos... tudo começava a se desfazer. Atrás de mim tudo ia sendo sugado, jogado num imenso buraco negro. O balde; as roupas do varal; as vozes dos amigos, o rosto de Odete; os doces da velha Alzira... todas as coisas iam-me atravessando e aquela que um dia seria a Professorinha via-se obrigada a retirar-se dali. Como num impulso, no entanto, joguei-me de volta. A casa estava quieta. Passei pé ante pé pelo brabo vira-latas Johw que tantas vezes avançara a vizinha Rita; ele adormecia tranquilo, assim como minhas irmãs, meu pai e sua companheira. Houve silêncio e paz. E então caminhei até o banheiro. Com cuidado, fechei a porta, acendi a luz e procurei aquele que me ensinara a aproveitar as noites de insônia. Lá estava ele. Embaixo do lavabo. Um pouco empoeirado, mas o cheiro ainda era o mesmo. O cheiro da terra; o cheiro do mato

³ Aqui a idéia de memória, tal qual para Maurice Halbwachs, torna-se fundamental para a discussão sobre os estudos da vida cotidiana. Para o autor, não há como pensar as problemáticas que envolvem as recordações isoladamente dos contextos sociais que fundamentam a reconstrução da chamada *memória*. De igual modo são as memórias construídas e partilhadas pelos indivíduos que lhes identificam como parte de um determinado grupo social, num curto espaço de tempo ou não. Podemos viver numa comunidade a vida toda e, por partilhar das memórias daquele grupo, somos parte daquele grupo. Da mesma maneira, podemos estudar durante dois anos numa determinada escola e fazer parte daquele grupo durante aquele período, e depois, mesmo distante, fazer parte dele por mais um tempo, através das memórias partilhadas (ainda que ocasionalmente) daquele período. Depois, não nos caracterizamos mais como parte daquele grupo social, pois “há uma descontinuidade, não apenas porque o grupo no seio do qual nós o percebíamos materialmente já não existe, mas porque não pensamos mais nele e não temos nenhum meio de reconstruir sua imagem” (HALBWACHS, 2006, p. 35)

secando; o cheiro do menino Zezinho brincando com sua Porquinha. Reencontrei meu companheiro e, folheando aquele livro, fui feliz durante a noite. Não mais sentia medo. Segurava com amor e lia cada parágrafo daquele livro atentamente. “Zezinho, o dono da Porquinha Preta” foi meu amigo e me ensinou muitas coisas sobre a vida.

Sem me dar conta, amanhecera novamente. Estava agora na biblioteca da escola. Ah! Aquele lugar! Gostava de tudo lá: das pessoas, da disposição do mobiliário, dos livros, de seus cheiros e da bibliotecária. E lá estava, frente à bibliotecária, fazendo a ficha e escolhendo os livros que me esconderiam do mundo durante a noite e que, por sua vez, ficariam escondidos durante o dia embaixo do lavabo úmido do banheiro de minha velha casa. Peguei mais uma vez o exemplar de meu livro preferido (para sempre) da Coleção Vagalume: Zezinho, o dono da Porquinha Preta. Senti naquele momento um amor imenso. Senti uma expansão de alma. Senti que agora era hora de voltar. A caminho da saída reencontrei Mariana, minha primeira melhor amiga do mundo inteiro! Um abraço bem gostoso na amiga. Já não havia mais tempo. Aqueles olhos sorridentes e ao mesmo tempo espantados de Nana, diziam-me boas vindas, mas também gritavam até logo. E de novo as coisas iam-me atravessando. Nana, a amiga querida, ía se desfazendo em minha frente; sua imagem sorridente ia ficando longe, muito longe... o pátio da escola; a bandeira hasteada; o som da conversa dos amigos... longe. Muito longe...

Outra voz, o mesmo caminho.

A Professora (com “P” maiúsculo) dava aula de psicologia. Você, Professorinha estava cansada. O dia exigira-lhe grandes esforços. Havia contigo um questionamento constante, uma agonia, um não saber dizer que a maltratavam. Ouvia a Professora palestrar sobre as escolhas que fazemos na vida. Dizia ela, a Professora com “P” maiúsculo, que até a falta de escolha é uma escolha. E você sentiu-se confusa, não é mesmo? Fechou os olhos e sucumbiu ao cansaço. Contudo, pensava em Nana.

As passageiras

Estudávamos na mesma turma, mas nunca nos falávamos porque a professora determinava os lugares em que deveríamos nos sentar. Ocorria então que uma sempre ficava na ponta oposta em que a outra. A professora daquele ano era bem exigente. Estabelecera umas regras que deveriam ser seguidas à risca! Uma delas era que a sala de aula era como um

trem que não podia parar fora das estações, todas, obviamente, determinadas pela professora-maquinista.

Nana e eu já éramos muito amigas, quando, certa vez, conseguimos a façanha de sentarmos juntas para fazer um trabalho qualquer. Cochichávamos o máximo que podíamos para não atrapalharmos o silêncio exigido pela professora. Foi quando Nana fez uma revelação inquietante: precisava ir ao banheiro naquele instante e não podia esperar o trem parar na próxima estação. Com todo medo que me cabia, disse à amiga: a professora não vai deixar! Então, num ato de enorme bravura, Mariana levantou o dedo e pediu com sua linguagem meio tatibitate: professora, posso ir ao banheiro? E ela respondeu: não. O trem ainda não parou na estação. E Nana insistiu: mas professora... preciso muito (e fez isso já de pé, torcendo os calcanhares e colocando a mão como que para segurar o líquido que lhe estava prestes a escorrer perna abaixo). Mas a professora irredutível disse que não.

Nana era uma criança meio personagem dos livros que lia. Tinha feições firmes. Traços que as crianças adoram destacar. Era dentucinha; tinha pernas arqueadas que se embolavam quando corriam; quando falava, trocava o "b" pelo "p" e o "d" pelo "t". Fazia balé para corrigir a postura; usava botas ortopédicas para "alinhar" os pés e fazia tratamento fonoaudiológico para corrigir a fala. Mas Nana era incorrigível! Era uma gaiata! Ria de si mesma, apelidava-se e ainda achava jeito de achar defeitos nos outros. Era de uma família abaianada, de negros fortes e cabelos crespos. Ela mesma tinha um "cabelo sarará", como sua mãe dizia. Em casa, a mãe dispensava grandes cuidados àquelas madeixas, de modo que Nana sempre aparecia na escola com cabelos muito bem trançados ou presos minuciosamente com pequenas presilhas coloridas.

Diante da negativa da professora, Nana começou a coçar a cabeça com os olhos um pouco marejados. Conforme coçava, o cabelo se alvoroçava. Então as crianças começaram a rir. Mariana percebeu que era o centro das atenções e gostou. Quanto mais riam, mais ela coçava. A professora ficou mais irritada que a madrasta da Branca de Neve quando descobriu que foi enganada pelo caçador! Num fôlego só, gritou: saia logo da sala sua neguinha sarará! Vá ao banheiro e na volta vá direto para a secretaria! Mariana foi. Só nos reencontramos na hora da saída. Fomos caminhando para casa quase em silêncio. Quando chegamos bem na porta de sua casa, Nana disse: sabe de uma coisa? Estava pensando... hoje meu cabelo sarará me salvou. Se fosse você, teria feito xixi nas calças! Nega do cabelo liso, Nega do cabelo liso!

Aquela foi a primeira vez que senti vontade de contar e escrever uma história. Então nos dias que seguiram escrevi várias historietas de "Neginha sarará e Nega lisa". Nana e eu

passávamos as aulas trocando bilhetes com aventuras inventadas e caricaturas nossas, de nossos colegas e da professora. Aquela foi também a primeira vez que percebi que a literatura podia me salvar não só das noites de insônia, mas também do tédio que por vezes se instala na educação. Aquelas histórias permitiam que brincássemos com as situações que vivíamos e encontrássemos respostas às perguntas abafadas – como quando vimos no final do livro de ciências, uma figura de um vulcão em erupção e perguntamos à professora sobre aquele morro que cuspiam fogo. Ela se limitou a responder: ainda não chegamos lá. Quando chegar a hora, estudaremos sobre ele.

Para nosso desespero como amigas-passageiras daquele trem categórico, o ano acabou e não vimos nada sobre o vulcão além da foto ilustrativa que o livro trazia. Então criamos uma expedição imaginária de Nega Sarará e Nega Lisa ao vulcão. Imaginamos que um morro de entulhos em frente a casa de Nana era o tal vulcão e passamos tardes sem fim sobre ele, até o dia em que uma pedra do topo se despreendeu e rolou sobre meu dedo, levando-me ao hospital para arrancar a unha machucada e a um castigo de uma semana sem brincar na casa de Nana...

Olhar para si mesma. Decifrando-se

Frequentara escolas muito diversas. Algumas não permitiram muito que falasse e também não gostaram muito do que escrevia; estas eram as mesmas escolas em que também não achavam adequado que utilizasse suas histórias inventadas. Voltava aos Professores que diziam a ela que tinha um potencial, mas que o desperdiçava com coisas inúteis. As inutilidades tomavam seu pensamento! Não podia uma formiga passar, Deus do céu! Lá estava ela a lhe atribuir nomes, a pensar no formigueiro, nas folhas que carregavam, nas enchentes que enfrentavam quando um pingo se desprendia do céu. Mas essas inutilidades tinham, na verdade, uma dimensão libertadora e, ao mesmo tempo, elas é que a inseriam na realidade apresentada. As histórias que lia, inventava e partilhava, assumiam a função de brinquedo e permitiam, em última análise, que ela criasse conexões intimamente necessárias com o mundo exterior. E por que não? Por que a linguagem não pode ser um brinquedo? Um encantamento? Uma construção singular que permita, ainda assim, o diálogo com a coletividade? Por que não se pode narrar na escola a parte ínfima do cotidiano, daquele acontecimento que encontra sua riqueza unicamente pelo fato de não se repetir jamais? E se

nós nos contássemos? Se estivéssemos dispostos a ouvir o que os outros contam? Será que desabaria sobre nossas cabeças todo um mundo classificado e separado em caixas de verdades absolutas? Enquanto nos contamos, nos atribuímos identidades e nos identificamos com Outros, do mesmo modo, nos descobrimos em Outros quando estes se contam.

Mas narrar (-se) também é um esforço e um exercício a ser estimulado. Contar (-se) não é uma tarefa fácil. É necessário certo desprendimento de alguns dogmas que vamos acumulando vida afora. Narrar (-se) é, portanto, um aprendizado e, como tal, acontece nas (e através das) relações sociais estabelecidas. Isto implica pensar o lugar destinado às práticas narrativas na sociedade e como estas acontecem. Implica saber que a narrativa oral e escrita possuem valores diferentes dependendo do contexto em que sejam aplicados e, mesmo as narrativas escritas possuem pesos diferentes, dependendo da linguagem que apresentem. As histórias que a Professorinha ouvia (e que ainda ouve e que toma conhecimento vida afora) e as vivências dos bancos escolares (e também da graduação) colocaram-na pouco a pouco frente ao escancaramento da verdade de que há uma linguagem santificada, imaculada, exercendo um poder vociferador sobre todas as outras, as quais são preteridas e subjogadas por aquela. A linguagem “do Professor, com ‘P’ maiúsculo”, com seus termos técnicos e jargões, silencia, muitas vezes, a linguagem das crianças (e também dos pais) com sua coloquialidade e imprecisão formal, assim que estes põem os pés dentro da escola.

Retornar ao começo das coisas não era mais do que olhar para si mesma e reencontrar então a linguagem da “Nega Lisa”: não era fazer mais do que contar histórias. Não seria além do que ouvir histórias. Era isso que fazia desde o início. Era constituída de histórias. Era o que precisava fazer: devolver às narrativas em seu cotidiano como Professorinha, no diálogo com as crianças, seu lugar de acontecimento de experiências formativas na educação infantil. Ficava claro para ela que esse lugar de acontecimento só podia ser pelo diálogo, sobretudo pelo diálogo com todas as coisas que a constituíam.

Considerava em sua caminhada que, fundamentalmente, as histórias são sempre mais do que simples historietas ou suas tentativas conceituais: elas são fios condutores de experimentação. Foi se tornando claro para ela também que o trabalho com histórias e com crianças pequenas pressupõe muitas vezes uma audição mais apurada e uma predisposição a mudanças repentinas no trajeto. Era necessário acreditar naquilo que aquele Outro me diz. Era necessário dizer (se) para aquele Outro. Ou além: Era imprescindível todas estas coisas *com o* Outro.

Como a Professorinha que escolheu dizer através da escrita, encantou-se com a

possibilidade de dizer a partir do que ouvia; deslumbrou-se com a possibilidade do encontro de suas palavras com as com as palavras das crianças, presenciando o nascimento de Palavras Outras, diariamente. Aprendera em suas leituras e em suas audições que a única possibilidade de formação acontecia na dimensão Eu-Tu, longe da qual, certamente, haveria a maldição da completude. Longe desta dimensão, estaríamos encerrados em nós mesmos, sem a possibilidade de nos alargarmos.

No início eram as crianças. E depois eram as tentativas da Professorinha de constituir-se como Professora daquelas crianças. Quando nos tornamos Professorxs realmente? É o ingresso na graduação? É o momento da expedição do diploma? É na primeira vez em que pisamos numa sala de aula com o diploma pendurado na parede da sala de nossa casa? Voltando os olhos para si mesma, narrando-se, começava a pensar, talvez, que o eu trabalhador é indissociável do eu histórico-cultural que se constitui muito nas histórias que lemos, ouvimos e, porque não dizer, escrevemos? Seria assim que sua formação com Professora aconteceria? No cerne de suas recorrências aos “eus” encontrados em tantos outros lugares que não só na academia ou na escola?

A passagem

Aparecia para a Professorinha uma outra dimensão. Começava a reconhecer-se também como aquela que vai se formando enquanto escreve. A escrita era sua constituinte tanto quanto as teorias que estudara, a criança que fora e todas aquelas crianças quanto conhecera em sua caminhada na Educação dos pequenos. Tornava-se, a seu modo, a *Professora de educação infantil*. Não aquela que exigiam que ela fosse. Mas aquela que deseja ser, aquela que sentia que seus Outros na educação (as crianças) pediam que ela fosse.

Tornava-se a professora que sabia que a Educação Infantil carrega consigo inúmeros signos políticos, pedagógicos e sociais; a professora que poderia ter escolhido discutir neste trabalho a importância social da infância, do brincar, da valorização profissional de quem atua em seu nível de ensino; aquela que poderia ter escolhido analisar documentos importantes sobre o acesso, permanência e a qualidade da Educação infantil. E então, tornou-se.

Tornou-se aquela que escolheu ouvir o extraordinário e também dizê-lo. Escolheu investigar a partir das vozes extraordinárias que contam, gritam e por vezes também silenciam na Educação infantil, como toda essa gente vive (ou sobrevive) ao cotidiano – lugar de

aprisionamento ou liberdade?

Para a Pesquisadora: O encontro

Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.

- Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? – pergunta Kublai Khan.

- A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra – responde Marco -, mas pela curva do arco que estas formam.

Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta:

- Por que falar das pedras? Só o arco me interessa.

Polo responde:

- Sem pedras o arco não existe.

CALVINO, Ítalo. As cidades Invisíveis.

O ideal possível

O desejo de tonar-me pesquisadora surgiu na graduação quando, encantada, ouvia relatos dos professores (em sua grande maioria doutores) sobre suas pesquisas e suas descobertas em campo. Naquele período o mundo da pesquisa apresentava-se magnífico: debruçar-me sobre alguma questão, discuti-la com os pares, ler (algo que realmente fazia parte de mim), conhecer pessoas; falar com elas; dialogar com o que lia... Sim. Era algo que queria fazer. Mais que isso: era possível ingressar naquela realidade. O caminho estava posto. Assim: como quem coloca um banquete e te convida a cear. Venha! Sirva-se a vontade! Inúmeros grupos de pesquisa apareciam a minha frente. Os professores doutores eram quase todos bastantes receptivos a chegada de novos membros em seus grupos de pesquisa. Eu só precisava escolher.

Então eu acordava às quatro e meia da manhã. Agasalhava minha filha porque embora o inverno no Rio de Janeiro não seja tão rigoroso, era prudente enrolá-la bem numa manta quentinha para que não sentisse por demais o impacto de ser tirada da cama antes do dia clarear. Ela já não era um bebê: tinha quatro anos e costumava até ser muito compreensiva, mas sabe como é coração de mãe: não pretende impor sofrimentos a sua criança em tempo algum. Pegava-a cuidadosamente no colo e a levava para casa de sua bisavó (Minha querida Dona Maria, nordestina “arretada”, como já disse, de quem, tenho certeza, herdei o gosto pelas histórias). Dava-lhe um beijo e partia. Meia hora de caminhada depois estava eu na estação de trem de Realengo, junto a outras centenas de pessoas, companheiras de histórias e sonhos, rumando cada qual para seu trabalho ou destino. Enquanto o trem deslizava e entre uma parada e outra nas estações eu pensava nos convites dos professores. Eu só precisava escolher.

Estação de Deodoro. Precisava descer e “baldear” para pegar o trem de Nova Iguaçu. Agora já passava das seis. Não podia perder o próximo trem, senão o atraso seria certo. Graças a Deus o trem apontava na estação. Já podia pensar novamente na minha escolha. O trem seguia lotado mas pelo menos pela manhã, era mais silencioso. Dava pra ler o texto da aula da noite.

Havia visitado há algum tempo a redação de um jornal de grande circulação na cidade. O guia da visita explicou que, pensando nos trabalhadores, criaram um jornal num formato menor para que esta categoria (na qual me encaixava e ainda me encaixo) pudesse ler as notícias no trem, em pé, enquanto seguravam-se durante os solavancos que a composição dá entre uma estação e outra. Eles entendiam de publicidade! Realmente era o que acontecia. E

todos os dias aparecia pelo menos uma vendedora de jornais com o bolso cheio deles. Todos pequeninos e fáceis de segurar. Num bolso grande os jornais. No bolso menor, dinheiro “miúdo” pra facilitar o troco.

Muitos de meus companheiros de trem compravam o jornal. Eu, no entanto, preferia ler os textos para a aula da noite. Por vezes me perguntava se os professores também visitaram a sede do jornal. E no fim achava bom que os textos fossem disponibilizados como cópia: era realmente mais fácil para ler no trem. Com o tempo acostumei e mesmo quando dispunha do livro (raras vezes) preferia fazer a cópia do mesmo, assim podia ler com certa tranquilidade enquanto rumava para o trabalho.

A viagem de trem, depois de Deodoro, durava em geral meia hora. Era um tempo considerável para a leitura – ao menos para aquelas que não exigiam leituras complementares. E então, quando o maquinista (ou aquela voz feminina suave e feliz) anunciava a estação de Edson Passos, colocava o texto dentro da bolsa e preparava-me para saltar. Agora era necessário descer, sem no entanto, distanciar-me dos pensamentos que engendrava acerca da escolha de pesquisa. Neste ponto o esforço era inútil. Na Kombi que enfim me levaria ao ponto final (a creche em que trabalhava na Chatuba) sempre tinha papo com os passageiros e com o motorista. A gente falava sobre todo tipo de coisa e eu sempre esquecia que tinha uma escolha a fazer.

O cotidiano

As coisas começavam sempre meio mecânicas no trabalho: bom dia! Que calor! Tem água? Faltou alguém. A Daniele, mãe do Moisés, veio avisar que “os meninos” estão agitados hoje! Parece que vai ter operação policial. A Supervisora quer ver os planejamentos. A SEMED já enviou o tema de trabalho. Acabou a cola. O Centro de estudos foi suspenso. Precisa entregar os relatórios e vai ter que levar pra casa pra fazer. Não atrasa a hora do almoço que mexe com a rotina da creche inteira. Sabe a Carol? A mãe da Ana Luiza? Foi embora. Ana Luiza está impossível hoje. Tem que colocar todo mundo pra dormir. É tiro? É tiro! Deita todo mundo no chão. Graças a Deus acabou. Vai matricular mais alguém. A sala não comporta. Vanessa se exonerou. Luciana está doente: vai ter que juntar as turmas. Que estratégias podemos usar? Melhor contar uma história. Ih... é melhor suspender o banho hoje. De quem é essa chupeta? Essas mães também não tomam jeito! Tauã está doente de novo e o telefone dele está desatualizado no cadastro. Acabaram as fraldas, heim! Tá na hora do lanche. De novo roupa sem nome. Dá pra brincar no parquinho? João caiu e bateu a cabeça.

Hora da história. Vamos pintar? Quero dançar! Põe moral nessa turma! “A Dona Aranha subiu pela parede”. Cadê seu sapato? Estou triste hoje... minha mãe brigou com meu pai; essa sala está imunda... pra que tanto papel picado? Comprei tinta. Se quiser pode pegar emprestado. Me empresta o grampeador? O mural ficou lindo. Isaías mordeu de novo. Eles amaram a história das princesas que soltam pum! Hoje a aula não rendeu nada. Vamos jantar! Graças a Deus está chegando a hora da saída. Está tudo organizado? Abriu o portão. Como você deixou meu filho ser mordido de novo? Amanhã a aula é normal? Todas as crianças já foram? Não esqueçam de assinar o ponto. Até amanhã.

Então, as cinco e quarenta, mais ou menos, eu caminhava até o ponto de ônibus. Entrava na Kombi e conversava com minhas colegas de trabalho e com o motorista sobre inúmeros assuntos. Descia em Edson Passos e pegava o ônibus para Nova Iguaçu. Retirava o texto que jazia em minha bolsa junto a papezinhos de propaganda sobre os mais variados serviços. Sentada no ônibus, destacava em amarelo as partes que me pareciam mais importantes e retomava lentamente o pensamento sobre em qual grupo de pesquisa ingressar. Era difícil concluir o pensamento porque muitas vezes eu dormia.

As seis e quinze começavam as aulas. Seis e quarenta eu estava na sala e me juntava aos amigos de jornada. Eu me colocava novamente no lugar de estudante e me empenhava de verdade nesta tarefa. Às dez acabavam as aulas. Às onze e meia eu passava na casa de minha avó Maria, conversava uns cinco minutos sobre todas as demandas do dia; agasalhava minha filha novamente e voltava para casa. Meia noite a punha na cama. Contava-lhe histórias. Ela dormia e eu me levantava pra organizar roupas e alimentação para o dia seguinte (que na verdade já estava prestes a amanhecer).

Invariavelmente ainda me pegava pensando sobre o dia no trabalho. Esbarrava em questionamentos sobre vários fatos do dia. Que espaço era aquele que eu vivia tão cotidianamente? Como era que a gente sobrevivia aquele turbilhão de acontecimentos cotidianos? Como aquelas relações se estabeleciam? Quem estava implicado naqueles fazeres? Aos poucos me dava conta que minha escolha de pesquisa estava tão posta quanto a mesa que me convidava a cear. Um banquete farto sobre Educação Infantil.

Eureka!

Pronto! Estava decidido! Pesquisaria sobre Educação Infantil (assim mesmo: sem recortes). Já podia me encaminhar até o grupo de pesquisas sobre o tema escolhido. Toc toc. Bato à porta. Pode entrar! Como assim o grupo acontece somente às quintas pela manhã?

Como assim a prefeitura não pode me liberar uma única manhã para estudar? Como assim eu não me encaixo no perfil de pesquisador das Universidades? Como uma Universidade situada na baixada fluminense não consegue acolher em sua totalidade as demandas sociais de seus alunos? Como?

Durante as aulas de prática e pesquisa educativa os professores ensinavam como pesquisar: temas, objetos de pesquisa e estudo; metodologias; análises de dados e afins. Mas o que ninguém me dizia, o que não contava na ementa da disciplina, era como poderia eu, dentro daquelas condições, tornar-me pesquisadora. As questões não paravam de surgir a minha volta e, como que por teimosia, aquele universo cada vez mais me instigava. Eu aproveitava qualquer oportunidade de produção durante as aulas: parava os professores nos corredores da Universidade; me interava sobre palestras; conversava com colegas que participavam dos mais variados grupos. Em outras palavras: tentava calçar um sapato que não cabia em meu pé. Eu era a meia-irmã da Cinderela, aquela que na história não fede nem cheira, tentando calçar o sapatinho de cristal e ser escolhida pelo príncipe no baile.

E aí, meus queridos, quando me dei conta que era eu aquela meio-irmã da Cinderela, cuja história trata como meio vítima, meio culpada, meu mundo veio abaixo! Nessa condição não poderia nem esperar por uma fada madrinha! Não haveria protagonismo nem antagonismo. Era eu a filha da Madrasta Malvada que foi acompanhando a história sem condições de decidir muita coisa. Apenas vivi. Era eu que havia invejado a beleza de Cinderela e observara seu vestido ser rasgado sem tomar atitude alguma! Era eu a ter cometido todas as atrocidades! Era eu quem seria desmascarada durante o baile. Impostora! Impostora! O sapato não é seu! Não é seu! Restava-me acompanhar a festa com toda ilegitimidade que me cabia e aguardar pacientemente minha redenção. Todas as atrocidades que fui capaz de cometer para chegar até ali; precisaria ser redimida por minha tenacidade.

Em minha defesa eu gritava, esperneava que não houve outro jeito: não havia nascido bonita como a Cinderela, nem era filha do rei. Nasci filha da madrasta e sabia que o final reservado a mim não seria tão grandioso. Mediana. Sempre mediana. E isso era por si só uma grande sorte! Havia conseguido mais que minhas irmãs; mais que muitos daqueles que entravam dia após dia naquele trem; mais do que minha família podia suportar. Dentro do injusto sistema educacional brasileiro, ser mediana já era estar acima da média. Teimosa! Teimosa! Daqui por diante o caminho não te pertence mais! Convença-se disso de uma vez por todas!

O irreal possível

A teimosia é a malandragem que Deus deu aos brasileiros. A gente nasce teimoso, de pé no chão, mas inventa asas pra voar. A gente nasce gente e vira pássaro e logo entende que não dá pra desperdiçar energia voando solitariamente senão se perde com os ventos; quebra asa; racha o bico. É que no Brasil a gente nasce grande (todo brasileiro é grande) e a gente aos poucos vai entendendo que a gente precisa se organizar pra migrar. Então a gente se organiza (brasileiro é Pelicano e inventa uma formação para o voo). Sem meios para viajar sozinha, procurei os meus iguais. (E sempre tem gente igual a gente, esperando a oportunidade de voar por ai).

É a malandragem da vida: esperar pelos encontros; ansiar os encontros; encontrando com outros, encontrar-se. A pesquisadora que ansiava ser (e ainda anseio) entendeu que no campo da educação nada pode ser senão pelos encontros. Talvez seja assim também na vida, mas para fim de delimitações técnicas, falemos então dos encontros na educação. A que se destina essa educação sistematizada senão para formação? E daí que seja para a formação profissional; que seja para a formação de pensamentos (críticos ou não); que seja para a formação de sujeitos históricos, viajantes e pertencentes a seu tempo. Que seja. Tudo é formação. Daí que a gente vai se formando num sistema que deforma. Um sistema que diz o tempo todo que é necessário calçar um sapato de cristal que não cabe em seu pé! Um sistema que desde muito cedo pretende formatar teu corpo, tua mente, tuas palavras, tuas ações. Tu nasce redondo. Tu nasce retangular. Mas a educação te quer quadrada, pentagonal, isósceles. Tem que dá sorte de nascer no formato certo.

Quem eu sou. O que me constitui. Quais histórias carrego. Quais histórias devo abandonar. Abandono? O que você quer ouvir? Qual era mesmo a pergunta? Você ainda quer ouvir? O que? Que tem uma hora que dá uma revolta na gente e que a vontade é de meter o pé na porta e virar a mesa e quebrar a banca? Eu to aqui, pô! Eu tenho questões a dizer. Eu penso. Eu sinto. Eu sofro. Eu me doo. E aqui: não sou sozinha. Tem um monte de gente que nem eu.

Os Encontros

Lembra da Verônica? Aquela que sempre chegava atrasada (porque como eu trabalhava o dia todo, enfrentava trem lotado com texto na mão)? Então. Ela foi a primeira a se organizar comigo e pensar um plano de voo. Se muda pra Nova Iguaçu, cara! Eu te ajudo! A gente não tem grana, mas a gente dá um jeito. Não desiste, cara! Não desiste. Toma meu

cartão de passagem. Minha irmã te ajuda com tua filha. Vamos dividir os trabalhos. Graças a Deus tá acabando o semestre. Conversa com o professor Flávio. Ele é maneiro. Vai ajudar.

E Flávio foi o segundo a aparelhar para o voo: toma este livro. Vamos discutir. Pode ser depois da aula. Num fim de semana. Vai ter um congresso. Vamos escrever juntos? Te mandei um texto. Revisei teu texto. O professor Filé vai montar um grupo de pesquisas on line. Vai lá. Vai dar certo.

E o Filé foi o terceiro e me dar condições de voar: o grupo acontece on line. Tem reuniões em alguns fins de semana. Tem atividade na plataforma. Vai ter um ciclo de palestras, se inscreve. Tem mais professores se juntando ao grupo. Beto chegou. Leia o que Beto escreve. Discuta com o Beto.

O grupo se chamava Tecnologia e Conexões Culturais, mas pensando bem, acho que deveria ter se chamado Aves de Rapina, porque éramos realmente semelhantes, tínhamos garra, “bicos recurvados e pontiagudos” e cada um de nós estava “à caça” de diferentes questões para estudo e, assim como estas espécies de aves, sabíamos que embora os interesses fossem diferentes, precisávamos nos organizar para conseguir o que queríamos. Estes encontros me salvaram. Creio que a todos nós naquele momento.

Há que se pensar na legitimidade dos encontros. O que significa encontrar com Outros que te permitem reconhecer-se? O que eu to dizendo aqui não é nada novo, não. Eu sei que não. (Quem sou eu, meu Deus?) Mas parece que o que está sendo dito não está sendo compreendido em sua totalidade. Parece que há alguma coisa fria, austera e estéril que não nos permite avançar no entendimento que não dá pra formatar! Não somos máquinas! Nós não temos disco rígido. A gente chegou ao absurdo de ter que trazer a mesa o tempo inteiro a discussão sobre humanização. Somos seres humanos pedindo que haja humanidade em nossas práticas cotidianas! Temos, grande parte do tempo, nos colocado como máquinas que tentam trazer à memória que temos digitais nas pontas dos dedos e não códigos de barra pra leitura óptica.

A gente passa metade da nossa formação como professor discutindo que tem de respeitar o tempo da criança; que temos que dialogar com elas dentro das suas experiências. A gente coloca a questão do tempo no centro das discussões pedagógicas muitas vezes: tempo da criança, tempo da rotina, tempo para planejamento e realização de tarefas. A gente coloca o tempo sempre no presente e esquece-se de olhar a amplitude da questão. Que tempo maior é esse que a humanidade vive? Como é que a gente vive as vinte e quatro horas cotidianas? O que a gente espreme para caber nesse relógio? Qual é o ponteiro das interações? Qual é o tempo de olhar no olho, de ouvir, de rir? Quem é esse sujeito que atravessa esse tempo a meu

lado? Como é que eu conheço esse sujeito?

Não há sujeito fora do tempo. Eu sei que existo porque coabito o tempo com outros que me informam quem eu sou. E eu a estes outros assumo o mesmo papel: informante de um tempo comum. Precisamos legitimar os encontros como parte importante da nossa formação. Precisamos legitimar que esta formação acontece para cada um de maneira singular e indissociável de sua história. Precisamos começar efetivamente a discutir se vamos continuar legitimando que é o redondo que tem que caber no quadrado ou se já não é hora de permitirmos a existência de formas redondas, quadradas e retangulares que atendam os diferentes sujeitos (teimosos e malandros) que por ventura conseguem se manter nas escolas e chegar às Universidades.

Essa discussão precisa começar na pesquisa. Na formação do Eu Pesquisador. O que temos feito de nossas escritas? A quem estamos servindo? Pra que pesquisar? Quero terminar minha pesquisa unicamente para ter titulação afim de enquadramento profissional e status, ou pretendo que as questões que me suscitaram o desejo de conhecer ampliem também o desejo de outros e os apoiem em suas diversas jornadas? Se escrevo para meus pares o que vou lhes dizer?

As escolhas

Escolhi dizer das pedras, assim como Marco Polo a Klubai Khan. Escolhi contar a jornada. Falar dos encontros que tem me fortalecido e permitido a realização desta pesquisa. Do encontro com a Educação Infantil e todas as questões que me fizeram desejar tornar-me pesquisadora e ser eu a investigar e contar o que vi e vivi naquele espaço e poder contestar ou concordar com tantos outros pesquisadores que diversas vezes entraram em minha sala de aula, me observaram, fizeram inúmeras anotações em seus diários de campo e nunca mais voltaram pra contar o que descobriram; do encontro com meus queridos colegas de pesquisa, (muito especificamente Priscilla Bezerra e Luis Nolasco) que tão generosamente dividem comigo suas angústias e alegrias; que organizam grupos de estudo fora do grupo de pesquisa para eu possa ter elementos teóricos e aconchego para pensar e produzir; do (re)encontro com meu querido orientador Carlos Roberto Carvalho que generosamente colocou-se viajante num tempo comum ao meu, apoiando-me e fazendo o possível para que essa jornada seja mais leve.

Trago esses apontamentos e cito estes queridos não como agradecimento (embora meu coração esteja transbordante de gratidão a cada um) mas pra que possamos situar esta

pesquisa num lugar de acontecimento possível. Dizê-los é também enunciar ao mundo que a prática da pesquisa não é um acontecimento isolado: ninguém se faz pesquisador sozinho. Não basta ter uma questão de pesquisa, uma metodologia clara e bem definida para tornar-se pesquisador/ pesquisadora. É certo que não sei que conclusões terei a dizer no fim desta jornada, mas de início posso dizer que descobri que ninguém produz uma dissertação de mestrado em dois anos se não tiver outros com quem dialogar.

Cada vez que vou a campo e converso com meus sujeitos de pesquisa (crianças, professores, diretores, auxiliares de serviços gerais que estão nas escolas de educação infantil) e todas as vezes que os observo e os ouço, abre-se diante de mim uma janela inimaginável de histórias que vão se tecendo às falas de meus companheiros, às leituras que faço e às minhas próprias histórias. É um todo a ser considerado. Quando sento para escrever, quando enfim tento colocar no papel aquele universo pesquisado sou atravessada por novas questões e convidada a outras tomadas de decisão. Questões éticas, estéticas, políticas que escolho considerar para comunicar a pesquisa feita. No campo político, retomo o que já foi dito: escolho falar das pedras que sustentam o arco; sobre a estética, escolho construir o texto como uma bordadeira que decide pela simplicidade dos pontos, com cor, com amor, com beleza e leveza, sem, no entanto, deixar de fazer os arremates necessários. Sobre a ética, escolho ouvir tanto quanto for possível as histórias dos sujeitos da pesquisa tentando deixar que, enquanto bordo meu texto, as palavras daqueles que contam não sejam suprimidas às minhas próprias: tenho empregado um esforço gigantesco para que suas extraordinárias vozes possam sobressair a maior parte do tempo possível.

Para a Professora: A Procura.

Tá gravando?

Posso falar tudo assim mesmo? Como penso? Então se você quer ouvir vou contar da única forma que sei. Parece um pouco fantasioso às vezes, mas juro que é assim que as coisas me acontecem. Se eu já pensei que talvez seja pura criação? E se for? O mundo não está aí inteirinho para ser criado? Não tenho medo das mentiras, não. Juro. O que me apavora são as verdades imutáveis. Todo ponto de vista é apenas um ponto. Sinto que temos dificuldade para lidar com isso. Mesmo nossa visão periférica – por mais abrangente que seja – possui um limite de alcance. Que a gente vê as coisas a partir das nossas experiências no mundo. Que a gente conta as coisas a partir das nossas experiências com a linguagem.

Gosto de lembrar de um texto mal sucedido que escrevi. Era um encantamento sobre Bakhtin. Era uma viagem pela infância tal qual imaginava que pudesse ser. Uma alegoria. A ideia de escrever sobre o menino Bakhtin me veio há meses atrás, quando me deparei com suas considerações sobre Excedente de Visão. Lendo sobre o que era posto e voltando ao que já disse lá em cima – que a gente vê as coisas a partir das nossas experiências – pensei na infância que me atravessa cotidianamente em sala de aula. Pra mim era claro que a ideia desse excedente de visão é muito evidenciado pela infância. Que outras criaturas te informam tão bem o mundo da forma como veem, senão as crianças? Não acho que é romantismo. Por mais que o adulto tente, em sua grande maioria (na maior parte do tempo) a criança ainda não está formatada, quer dizer: ela está pronta para ser informante do que vê e como vê. É claro que você pode questionar se os dados não são genéricos demais! Gostaria que fosse algo mais preciso porque sua pesquisa ser validada... sei como é (a academia e suas regras)! Imagina!

Então...disse a você que “por mais que o adulto tente, em sua grande maioria (na maior parte do tempo) a criança ainda não está formatada, quer dizer: ela está pronta para ser informante do que vê e como vê”, porque anualmente convivo quase que diariamente com 50 crianças – acredite: esse número pode dobrar no mesmo ano. Como? Trabalho em creches municipais. Algumas situadas nas chamadas áreas de risco, o que quer dizer que muitos responsáveis desistem das vagas e automaticamente são matriculadas outras crianças no lugar daquelas que os responsáveis desistiram. (Ano passado tive 64 crianças numa única turma! Era aquele entra e sai sem fim! De fevereiro a novembro, crianças entrando e saindo da turma). Haja sofrimento (principalmente para as crianças, mas se você quiser, se fizer parte de tua pesquisa, te conto isso depois). Por hora vamos fixar neste momento, que é o que te

importa, não é mesmo?

A turma em que trabalho no turno da manhã possui 23 crianças matriculadas e a tarde 25. São 48 crianças cotidianamente, todas com idades entre 2 e quatro anos. Posso ousar a te dizer que deste universo 40 estão dispostas a narrar todos os dias o que veem. Como veem. Como sentem e interpretam. E não adianta tentar induzir as respostas: elas falam. Elas driblam as regras. Sabe? Depois de tanto tempo trabalhando na mesma função – professora de crianças pequenas – a gente acaba encontrando meios de tornar o dia menos cansativo quando necessário. Parece feio, não é? Mas é verdade e necessário muitas vezes. Comecei com essa coisa de trabalhar com crianças pequenas quando tinha 20 anos. Esse ano completo 32... lá se vão doze anos trabalhando com esses pequenos, dia após dia, nas condições oferecidas pelas escolas públicas (que como pesquisadora você deve saber quais são). Então tem dia que planejo aulas sabotadas. (Vergonha de anunciar isso sabendo que você terá que publicar). Tem dias que proponho rodas de conversas e tento (de toda minha alma) controlar as respostas, mas principalmente as perguntas.

A gente tinha participado da tradicional festa julina. Quase toda turma ensaiou. (Essa é a turma matinal, que tem 23 crianças). Então, no dia da festa 16 crianças compareceram e dançaram. Algumas choraram, é verdade, mas em geral, dançaram. (E foi bonito mesmo. Fizemos uma dança com bambolês e fitas). No dia posterior a festa eu estava tão cansada que precisei fazer uma aula dessas, sabotadas. Organizei então uma roda de conversas sobre a festa. Comecei perguntando: quem foi à festa? (Logicamente esperando a resposta sonora: eeeeeeu!). Já de primeira deu errado. Os mais falantes começaram a enumerar quem não foi à festa. E entre eles mesmos começaram a indagar os motivos pela falta uns dos outros. Não bastasse, minutos depois da euforia passada, caí na besteira de responder um dos meninos que perguntou: quando a gente vai dançar de novo pra Stella poder ir? Àquela altura, já sabendo que minha estratégia de sabotagem tinha dado errado, resolvi ser sincera. Danei a falar com eles que a festa julina acontece nas escolas somente uma vez por ano. Como a daquele ano já havia passado, só no ano seguinte e com um agravante: quando eles estivessem na escola nova (de crianças maiores) e com outra professora. Você precisava ver o silêncio.

E recomeçou o falatório: outra escola? Outra professora? Como assim? Resolvi explicar que as coisas tem tempo e ciclos. Fomos falando das estações do ano; pegamos cadernos de atividades e começamos a contabilizar a passagem do tempo; mostrei o calendário; riscamos meses; eles foram se aquietando. Mas preciso te contar uma coisa. Acabei fazendo o correto: meu trabalho sem sabotagens. Só que eu não esperava uma única reação, aquela que me surpreendeu. Toda turma tem muitos tipos de personalidades: os

falantes, os agitados, os encrenqueiros, os curiosos e os quietos. Eventualmente aparecem os muito quietos e tímidos. Nessa turma tem uma menina dessas: muito quieta e tímida. Se eu te contar que ela se chama Anna Clara você acredita? Pois é. Se chama. Anna quase não fala. É daquelas que você precisa conversar com o olhar. Precisa entender que os pezinhos juntos indicam que precisa ir ao banheiro e que o olhar mais fixado em direção a alguém indica alguma anormalidade: um brinquedo roubado, um empurrão e coisas desse tipo. Ela é assim.

Na roda de conversa ela não disse nada. Participou de todos os momentos com a turma: riscou o calendário, folheou seu caderno e desenhou. Calmamente e sem falar uma palavra sobre o que estava acontecendo. O dia acabou e eu acreditei que o assunto havia sido explorado ao máximo e que não haveria mais considerações a fazer. Na manhã seguinte, logo na hora da entrada, a mãe de Anna Clara (se chama Débora) veio até mim com olhos arregalados e disse: Professora! A senhora vai embora? Foi transferida? Sinceramente naquele momento eu não lembrei do todo anterior e respondi: claro que não! De onde você tirou isso, Débora? Ela me respondeu: Anna chegou em casa e pediu pra avó me ligar. Eu ainda estava no trabalho quando ela me contou: mãe, minha professora vai embora! Ela disse na hora da conversa que não vai mais poder dançar com a gente!

Aquilo foi um choque pra mim. Primeiro pela narrativa clara e coesa da Anna (algo que ela não costuma fazer em sala); depois porque observei na fala de Débora elementos muito próprios do nosso cotidiano em sala de aula. Essa turma tem uma coisa diferente das outras que tenho trabalhado (e desculpe, mas estou sim abrindo outro parêntese). Sempre me apresento da mesma maneira no começo do ano, tanto para as mães, quanto para as crianças. Digo meu nome e me apresento como professora da turma tal. Em geral, com o passar do tempo, as crianças, as mães e a própria direção da escola acabam me transformando na figura da tia. Isso não me causa incômodo (embora entenda o que isso implica politicamente). Esta turma, contudo, foi diferente. A grande maioria me trata como Professora. As crianças ficam gritando: Professora! Professora. (às vezes acho engraçado e até me causa estranheza). Então ela usou exatamente este termo: Professora. E também citou “a hora da conversa” que é como convido as crianças a se sentarem no círculo que temos pintado no chão da sala. Numa talagada só Anna narrou o cotidiano para a mãe, delineou nossa rotina e ainda por cima interpretou de um modo muito singular (e coerente) a mensagem da conversa. Realmente eu informei que não dançaria mais com eles. Só que eu me referia única e exclusivamente sobre a festa julina, mas toda a cientificidade que havíamos explorado (a partir das minhas proposições) no dia anterior sobre a passagem do tempo não foram capazes de dialogar com as experiências da Anna acerca da passagem do tempo. Ela acabara de completar 3 anos, Deus

do Céu! O que eu estava pensando?

Tentativa e erro

Então posso te dizer seguramente que não há formatos quando trabalhamos com crianças pequenas. Realmente elas nos excedem. A gente até tenta formatar, mas não dá. Não de imediato. Isso é tipo aquela história do “eu sei, mas não devia”. É isso sim. Como adultos estamos sempre buscando deixar as coisas em conformidade com nossas necessidades. Seria hipocrisia dizer pra você que sou diferente disso, porque não sou. Era final de semestre. Eu tinha 48 relatórios descritivos para entregar, diários para fechar, culminâncias de projetos e reuniões de pais para organizar e zero hora do “um terço de planejamento” garantida por lei – o que implica dizer que deveria trabalhar em casa pra dar conta de entregar tudo que era exigido (e se quiser podemos também retomar esse diálogo sobre o planejamento mais tarde). Eu queria um dia mais leve sim, mas por mais uma vez tive que enfiar a viola no saco e fazer o que era preciso: retornar ao assunto até que aquilo se esgotasse, não para mim, mas para as crianças, entende?

Era por isso que queria te contar sobre o tal texto mal sucedido. Que muitas vezes na educação é assim: a gente é mal sucedido pacas! Gosto de falar desse texto porque ele é parte da minha procura pela compreensão da infância. Aquela necessidadezinha que a gente tem de entender um universo que se quer fazer parte, sabe? E às vezes a gente que está em sala de aula dando conta desses e outros turbilhões de coisas somos acusados de reproduzir coisas e não pensar. Quando se torna necessário que seja você a vir aqui em minha sala de aula pesquisar meu universo e pensar sobre ele, parece um pouco que eu não faço isso. Só que eu faço. E minhas colegas também fazem. Só que o tempo (ou a falta dele) nos engole e a gente vai fazendo tudo meio atropelado e a gente não comunica muito nos Congressos. Aliás: a gente nem pode participar dos Congressos, a menos que eles sejam em fins de semana, ou nas férias, porque professor da educação básica da rede pública municipal, em sua grande maioria, não consegue liberação para participar desses eventos: não tem substituto; não pode faltar (não pode nem ficar doente, quanto mais se ausentar para estudo!); não tem custeio entre outros nãoos. Então a gente encontra meios de pensar. De comunicar, ainda que seja para si próprio. Meu modo de pensar tem sido através da literatura: a que vejo e a que produzo.

Resolvi pensar sobre a infância a partir de Bakhtin. O problema é que eu não sou mais criança. E se já fui criança um dia, não foi na Rússia. A infância no subúrbio carioca me

permitiu ter tantas experiências com neve quanto um ator de filme pornô⁴ com a sistematização da educação de um país tão plural (e desigual) como o Brasil. (E que fique claro que o problema não é a profissão do tal ator, mas sim todo seu currículo conhecido pelo grande público! Até aqui nunca apareceu na mídia que este fosse um estudioso entendido de educação). O ator reuniu-se com o então Ministro da Educação de um Governo ilegal e golpista⁵; eu resolvi viver a infância russa na imaginação. Ambos transmutados e hereges, vivendo as condições de nosso tempo, tentando colocar-se em lugares sem ter conhecimento para tal. Me lancei naquele mundo fantasioso, ajuntando pedacinho de coisas, lembranças inventadas e leituras de noite adentro. Te garanto que foi um exercício maravilhoso.

Muitas vezes, colocava minha filha pra dormir e me sentava para ler coisas sobre Bakhtin. Li algumas poucas coisas de sua biografia (onde nasceu e viveu; o que produziu e com quem; nomes próximos a ele e essas coisas). Tentei acompanhar o que ele escreveu sobre pravda, estética e autoria (sem muito sucesso, é verdade!) Mas quando me deparei com Excedente de Visão... ah! Foi lindo! (pode rir. Foi meu primeiro pensamento. Isso é lindo!). Se fosse você a professora, (pensa só!) não seria lindo saber que cotidianamente a visão das crianças sobre você te excedem? Não é lindo saber que você existe naquele momento de um modo que você mesma não consegue enxergar em sua totalidade? É linda essa tomada de consciência!

Consciência que o meu existir incide no existir de outros de maneira tal que eu preciso daquele outro para me informar como tenho existido e eu também a eles. Agora imagina isso tudo na ótica de uma criança pequena. Sem teoria: apenas vivendo. Imagina que essa criança pensa, cara! Ela pensa! Ela capta você por inteiro! Ela tem uma espécie de fotografia panorâmica daquele espaço que até então você acha que tem domínio (ou não foi isso que a Anna Clara fez? Tirou uma belíssima fotografia daquilo que estava atrás de mim e eu não pude enxergar?). Entende?

O texto que escrevi não deu em nada. Gostaria de tê-lo discutido com as crianças, mas devo reconhecer que se ele tivesse um público alvo bem definido, não seria para a faixa etária com a qual trabalho. Algumas crianças com a idade entre 9 e 13 anos de meu convívio particular leram o tal do texto. Alguns adultos também o leram. As crianças conseguiram falar mais ou menos o que entenderam sobre Excedente de visão, mas elas gostaram mesmo foi de um mistério anunciado ao longo. Todas queriam saber o que aconteceria depois (quem

⁴ Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/ministro-da-educacao-recebe-alexandre-frota-e-lider-de-rotestos.ghtml>. Acesso em 25 de outubro de 2016

⁵ Fora Temer!

era o Sr. Valentin? O que ele guardava na mala?). Os adultos gostaram mas logo identificaram que precisava de mais pesquisa sobre a infância russa e sobre alguns personagens que enredava a trama.

Então ficou assim: um texto não terminado, sem muito propósito. Que as coisas na vida precisam ter um propósito você sabe, não sabe? Que a gente tem que fazer algo que signifique para os outros o tempo todo. O tempo todo. Tic Tac. Tic Tac. Que a gente tem que ter responsabilidade com o que produz, isso é verdade. Mas que a gente depende de outros que sob sua ótica valide aquilo que foi produzido também é verdade. Que a gente não pode esperar que as nossas fantasias dialoguem com as dos outros apenas pela beleza e pela viagem que elas propõem. Que a gente arruma meios de viver e pensar as realidades cotidianas. Que a gente pensa com os meios que encontramos para pensar. Que a gente se espreme. Que a gente se aperta. Que a gente vive.

Caderno de campo

Todos os dias quando acordava ia correndo olhar a janela só para ter certeza que andava tudo certo para que eu ganhasse a aposta feita com Nikolai, meu irmão. Precisava ganhar. Sabia que ganharia: era só uma questão de tempo. Então esperava pacientemente todas as manhãs. Em algumas tinha mais espantos que em outras – como naquele dia mesmo, em que vi o Sr. Valentin sair de casa apressado para ir ao trabalho (supus), mas tropeçou com as botas na neve alta que encobria parte da calçada e deu com o nariz no chão. Quer dizer, no chão não: no amontoado gelado e branco que caíra durante a noite e que agora estava ali, entrando narina adentro do pobre Sr. Valentin. Eu ria sem querer. Ri mesmo do que aconteceu: ou você também não acharia engraçado alguém dar com o nariz na neve? Precisava ver como ele resmungava! (como é resmungão o Sr. Valentin!) E a barba? Grande daquele jeito, cheia de pedacinhos de neve. Parecia dançar enquanto se sacudia para limpar as calças. Particularmente, poderia dançar como ele, mas tive a sensação de que o Sr. Valentin lançou para mim um olhar reprovador enquanto esticava o casaco e batia nele as luvas de lã cheias de gelo. Deixei-me acenar, pensei. Hunfp! Só recebi mesmo uma careta esquisita como resposta.

Ah, ia esquecendo de anotar. Me chamo Mikhail. Sou pequeno. Um pouco magro... meu queixo é um pouco assim e em dias de frio extremo a ponta do meu nariz fica vermelha, mas quem me disse isso foi meu irmão Nikolai, eu mesmo nunca vi. Depois escrevo mais. Vem vindo a Sra. Yudina...

M.B

“Depois escrevo mais. Vem vindo a Sra Yudina...” Esse meu irmão... E isso é jeito de terminar um escrito? Talvez ele goste de tomar seu caderno e ver que passei por aqui. Olá: eu sou o Nikolai. É verdade. Mikhail fica com a ponta do nariz vermelha no frio (mas nem precisa ser extremo). Ele gosta de observar as coisas, mas encasquetou com o pobre Sr. Valentin, que no fim não está nem aí pra ele. Se esse caderno é pra contar coisas, vou contar também.

Dia desses inventamos uma máquina de voltar no tempo. Nosso hálito embaçando o vidro gelado da janela; nossos indicadores riscando nossas iniciais no embaçado do vidro; a contagem até três; o pulo e a corrida desenfreada até o mais ermo dos lugares em redor da nossa casa... Pronto! Voltamos no tempo! Vinha vindo Napoleão e seu exército! Avante! Avante! *Corra floresta adentro seu pequeno doido e tente sobreviver à nossa geleira encantada!* E cada um de nós pegou um galho comprido e seco. Batemos com eles no chão

para limpar a neve agarrada e depois enfiamo-nos entre as pernas, batendo com uma das mãos sobre as coxas, reproduzindo os sons dos cavalos napoleônicos. Gritamos palavras que somente havíamos lido nos livros de História que a Sra. Yudina nos fazia ler durante as aulas em casa. Corremos. *Iá! Iá!* Foi quando olhamos para frente e vimos surgir entre a geada uma casa enorme, daquelas que parecem mal-assombradas. Era velha e asquerosa: não se podia enxergar a cor da casa, mas talvez fosse cinza que, afinal, é a cor de todas as casas assombradas. Decidimos entrar já imaginando cada canto assombrado da casa, cada gemido saído do porão e cada teia feita por aranhas gigantes e peçonhentas que encontraríamos lá dentro... Mas o nariz de Mikhail estava muito vermelho (o que poderia indicar que realmente estava muito frio, ou apenas que ele estava com muito medo). Na dúvida decidimos voltar para casa, antes da Sra. Yudina chegar...

N.B

Parece que Nikolai encontrou minhas palavras, mas agora eu também encontrei as suas. Aproveito então para dizer que na manhã seguinte ao que ele contou acordei com o maior azar do mundo. Senti a meleca escorrendo pelo nariz e um pouco de dor de cabeça. Mas nada daquilo importava. Sentei-me na cama e afastei a cortina do vidro da janela (que sem o nosso hálito e todo ritual não servia mais como máquina do tempo). Esperava para ver o Sr. Valentin saindo. Certamente hoje não haveria imprevistos ou tropeços. O dia estava bonito e não tão branco (um pouco branco, mas não tanto quanto ontem), o que significava que a neve na porta do Sr. Valentin já havia sido retirada e que não havia montinhos de gelo em que pudesse prender as botas e cair.

Não demorou muito e ele apareceu. Com seu costumeiro casaco cinza, calças e botas pretas, chapéu e luvas marrons. Carregava sua maleta e saía com calma. Rapidamente abri a janela e acenei. Como de costume, Sr. Valentin olhou diretamente para a janela do quarto onde estava, mas sem muita expressão no rosto. Limitou-se a fechar a porta e saiu afundando levemente as botas na neve rasa, caminhando misterioso – para onde não se sabia.

Sr. Valentin é um homem que faz jus a seu caminhar. É misterioso. Não sei muito sobre ele. Ou melhor: não sei nada sobre ele. Mora numa casa pequena e com aspecto tão gelado como a neve que hora ou outra dificulta sua saída; não se sabe de filhos, sobrinhos ou esposa. Parece ser velho o suficiente para que seus pais já não estejam vivos. Pode ter uns sessenta e cinco ou setenta anos. Ou, quem sabe, seus cabelos desganhados (que fazem grande esforço para caber debaixo do chapéu surrado) e a barbicha comprida e esbranquiçada o deixem com aparência mais velha do que realmente contam seus anos de vida. É um homem solitário que não costuma receber visitas. Ninguém sabe seu sobrenome, ou que chá ele gosta

de tomar; não se sabe seu ofício ou sua poesia preferida; não dá para imaginar a música que ouve ou como passa as noites de inverno ou as tardes de primavera. Mas uma certeza eu tenho: nem mesmo Valentin sabe tudo sobre ele próprio.

Aliás, quem pode saber? Valentin não sabe que ele parece desengonçado com seus quase um metro e oitenta de altura, desviando todos os dias dos galhos da árvore na esquina de sua rua; não sabe que o céu parece mais azul quando contrastado com seu chapeuzinho marrom; não sabe que sua cara de mau não é tão malvada assim; não sabe que quase fecha os olhos para tentar enxergar quem vem lá longe; não sabe que parece mais corcunda do que realmente é ao envergar seu corpo magrelo para enfiar a chave no buraco da fechadura. Sr. Valentin é um ignorante, na maior parte do tempo, como todos nós somos a nosso próprio respeito.

Uma nota para Nikolai sobre minhas descobertas:

Por mais perto de mim que possa estar o Sr. Valentin, sempre verei e saberei algo que ele próprio não pode ver: as partes do seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto, a expressão do rosto – o mundo ao qual ele dá as costas... são acessíveis a mim e inacessíveis a ele.

M.B

Muito esperto, Sr. Mikhail. Muito esperto! Então deixa eu te contar umas coisas sobre seu amigo: já havia fechado boa parte da janela quando reparei que Valentin retornava a casa com muita pressa. Ele olhava para todos os lados, como que para ter certeza de que não estava sendo bisbilhotado por um certo menininho insistente que mora na mesma rua que ele. Deixei uma greta tão pequena que teria dificuldade de passar por ela uma formiga, mas ainda consegui ver seu misterioso amigo.

Valentin parou em frente a porta de casa por uns instantes. Já não segurava a maleta, mas parecia nervoso (talvez o próprio Sr. Valentin não tivesse se dado conta de que mexia as pontas dos dedos, abrindo-os e fechando-os várias vezes, como que procurando a maleta; e eu sei disso, porque, como você mesmo disse, Mikhail, podia vê-lo de uma maneira que ele mesmo não conseguia). O Sr. Valentin enfiou a mão pelo casaco, procurando alguma coisa. Talvez fosse a chave de casa. Olhando para os lados e com muito cuidado, abaixou-se. Riscou alguma coisa pela neve e voltou apressado pelo mesmo caminho pelo qual chegara minutos atrás. Antes de fechar completamente a janela vi aproximar-se uma mulher conhecida. Vinha chegando a Sra Yudina caminhando feito uma lesma cansada.

Arrastava sua cara amarrada debaixo de um longo casaco de pele de algum bicho peludo (coitado! Morreu pra amenizar o frio daquela mulher estranha, de voz fina e

estridente!). Trazia consigo um volume embaixo do braço. Qual não foi minha surpresa quando a Sra Yudina parou frente a casa do Sr. Valentin, baixou os olhos sobre os rabiscos feitos pelo velho, passou o pequenino pé sobre os escritos e deixou ali seu embrulho, bem na soleira daquela casa tão estranha quanto seu dono. Sem maiores rodeios, sacudiu o casaco, bateu as luvas e seguiu para a casa de dois certos meninos bisbilhoteiros...

N.B

Devo dizer, Nikolai que ao ler seus escritos em meu caderno senti o coração na garganta! Tive a sensação de que a Sra Yudina não é apenas uma professora... mas não é possível! Afinal, Ela é uma senhora acima de qualquer suspeita! Mas e aquele embrulho para o Sr. Valentin? Nunca soube que se conhecessem. Aliás, nunca soube que o Sr. Valentin conhecesse alguém. Só espero, Nikolai, que essa história toda não seja só mais uma peraltice! Tenho vontade de ficar aqui espiando pela janela até meu amigo Valentin voltar. Mas é certo que preciso encontrar com a professora (?). Seguirei investigando. Todos vocês! Ah! Talvez seja interessante, Nikolai, tomar conhecimento de mais uma nota que tenho para você. Dessa vez é uma espécie de bilhete que a Sra. Yudina deixou cair sem querer (?) de um de seus livros antes de ir embora esta tarde:

“Uma casa mal assombrada dorme no Vilarejo e o homem não sabe por onde caminha; o menino não sabe tudo o que vejo: passo por lugares que só uma formiga passaria”.

M.B

Mikhail, meu irmão... devo confessar que dessa vez foi eu quem sentiu o coração na garganta! Mais que isso: precisei fechar a boca bem rápido para evitar que ele escorregasse língua afora! Senti que Yudina falava aquelas coisas para mim! Talvez ela tenha visto enquanto a observava deixar o embrulho para Valentin; talvez ela seja uma bruxa, uma feiticeira, uma fada malvada que tenha colocado sono e mal-assombrado na casa; talvez seja ela a morar na casa... talvez, talvez, talvez...

N.B

Por enquanto Nikolai não precisa se preocupar demasiadamente! Esta tarde a Sra. Yudina saiu tão lesma quanto em todas as outras vezes, mas devo dizer que isso foi a única coisa que continuou igual, pelo menos para mim. Desde que começamos este caderno (que agora decidi chamar de Caderno de campo) nada mais está tão igual assim. Tenho dificuldade em pensar em outra coisa. Não sei se acredito ou não no bilhete (?) que Yudina deixou cair acidentalmente (?). Julgo que minha grande sorte, por enquanto, é que tenho mais uma coisa pra pensar além da casa mal-assombrada: preciso esperar Valentin voltar e ver o que acontece. Mais um relato sobre o dia de hoje:

Fiz plantão na janela – pela pequena fresta que não deixava entrar nem formiga, é claro. Lá pelas quatro, chegou o Sr. Valentin. Trazia de volta sua maleta. Olhou novamente para o chão. Não havia rabiscos na neve, nem pacote no chão. Inclinou-se para abrir a porta. Entrou em casa, mas saiu com uma pá para remover mais um pouco da neve que voltara a cair. Como coisas engraçadas tendem a acontecer em dias estranhos, Sr. Valentin desequilibrou e deu com as fuças no chão. Mais uma vez eu sorri. Esperei o misterioso amigo se levantar. Não disse nada, Nikolai, mas tive vontade.

Queria ter-lhe dito como fica desajeitado levantando-se com uma vergonha disfarçada depois de escorregar na neve; queria ter-lhe dito que fica realmente muito engraçado resmungando com a neve entrando narina adentro. Eu sei que o pobre Sr. Valentin não sabe disso, afinal nem poderia: ainda que o Sr. Valentin desenterrasse seu nariz da neve junto a um espelho mágico, ainda que se visse refletido nele, somente eu conseguiria vê-lo engraçado com um espelho na mão. Só os outros nos vêem inteiros. Nós mesmos só vemos nossas partes (ou as sentimos). A gente olha pra baixo e vê o pé; olha de novo e vê a barriga; enquanto escrevemos vemos a mão; sentimos as costas quando conseguimos tocar nela; juntando os olhos com muita força vemos a pontinha do nariz muito embaçadamente; nossos olhos só podemos ver refletidos em algum lugar; a língua a gente vê uma parte esticando bastante pra fora da boca e levantando tentando tocá-la na ponta do nariz... não tem jeito! Só outra pessoa pode nos ver completinho; só outra pessoa pode ver o mundo que acontece atrás de nós... Como eu queria contar para o Sr. Valentin minha descoberta! Mas enquanto não encontro jeito, decido observar o Sr. Valentin retirando a neve enquanto penso no embrulho, na professora, na casa e em todas nossas suas birutices. O caderno de campo segue no mesmo lugar. Por favor, seja cuidadoso com ele. Não queremos que uma certa professora (?) o encontre, certo?

M.B

Ora, ora... Talvez você goste de saber que encontrei este caderno de campo preso à janela da casa de uns certos meninos bisbilhoteiros. Ficaré ótimo junto aos livros da estante da velha casa. Guarde-o com cuidado. Os meninos são astutos: certamente tentarão recuperá-lo. É preciso ter mais cuidado! Aguarde novas instruções.

V.N

Para a Pesquisa, a Fusão.

(...)Se a fala é o motor das transformações linguísticas, ela não concerne os indivíduos; com efeito, a palavra é a arena onde se confrontam aos valores sociais contraditórios; os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior mesmo do sistema: comunidade semiótica e classe social não se recobrem. A comunicação verbal, inseparável das outras formas de comunicação, implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder etc. (BAKHTIN, 2010, p.12)

*“O primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso”
(HALBWACHS, 2006,p. 29)*

Destinos Cruzados

E quando a gente viu estávamos assim: unidas por tudo o que foi. Gravador desligado. Acionadas apenas as memórias. Que há outro mistério: quando a gente fala é a memória que a gente aciona. A gente vai juntando os caquinhos, sabe? E aí a gente nem sabe mais qual o sujeito que habita em nós está veiculando aquela fala. A gente vai costurando as coisas e o alinhavo é a palavra. Entrelaçando tudo: a professora, a pesquisadora, a escritora, a vivência com as crianças e suas palavras. Quando falo, a palavra que profiro não é minha. Aquela palavra é tão coletiva quanto as memórias que ela suscita. A palavra só pode ser no coletivo, pois é ali que ela reside. Tenho algumas dúvidas, no entanto. Não sei se a palavra mora na memória ou se a memória faz morada nas palavras; mas acho mesmo que as duas coexistem e uma só pode ser pela outra porque as duas acontecem no ser social. Indissociáveis: palavra e sociedade; sociedade e memória; memória e palavra. Todas ali, acontecendo enquanto fazemos uso delas.

Por sorte que memória e palavra, não palpáveis que são, não se desgastam a ponto de serem finitas. Ao contrário: é no desgaste que são reinventadas e então é aí que há garantia de perpetuação. Quanto maior o uso, quanto mais consumo, mais expansão e apropriação. Danado é que, nossa sociedade classista, vai estratificando também o uso das palavras e reclamando para uns (em detrimento de outros) o pertencimento da memória. Então fica assim: qual palavra pertence a quem e, em contrapartida, qual memória será perpetuada através do uso das palavras? Que aí reside o nó da coisa: a palavra falada propaga a memória

ao passo que a palavra escrita, nessa nossa sociedade que vai, cada vez mais perdendo o encantamento com a oralidade, assume a função primordial de fazer História através do registro escrito das memórias que compartilhamos.

Palavra. Memória. Sociedade. Eu. Esse Eu que viveu, que viu, que ouviu. E também esse Eu que falou com, sobre e para, e que, nesta condição, tornou-se narradora; que escolheu dizer (se); Este eu que não é único, mas que dialoga em seu interior com inúmeros Eus que foram surgindo no encontro com Outros e com suas palavras. Aqui, portanto, não existe mais A Pesquisadora, A Professora (que leciona e escreve e que, portanto traz à tona mais um outro eu, escritora). O que existe (ou resiste, quem sabe?) é a fusão de todas essas no mergulho (e registro) do cotidiano que vivem. Esse cotidiano inerente a todos nós: vivido, sentido, por vezes registrado apenas na memória de cada um ou outras vezes registrado por imagens, falas e escritos. Esse Eu plural é que vai igualmente vivendo a pluralidade do cotidiano e mais uma vez há aí um entrelaçamento. Somos nós deixando marcas no cotidiano ao mesmo tempo em que somos marcados por ele.

O cotidiano é ostra onde a realidade é produzida. É dentro desse cotidiano que o mundo acontece e é por isso que vivemos nele. Somos obrigados a existir e o cotidiano é o responsável por provocar nossa existência. Nesse lugar não linear e de inúmeras tensões somos convidados o tempo todo a desejar ver-se fora dele. Penso que esse desejo pode ser uma reação de algum de nossos Eus que vivem todo nosso cotidiano, inseparavelmente. Carrego comigo para a academia cotidianamente o Eu Professora da mesma forma em que coabita meu cotidiano escolar meu Eu Pesquisadora e isso também se estende a escritora, à mulher, mãe, amiga, amante... Sim. O cotidiano não é igual, linear, homogêneo. Ele carrega consigo inúmeros acontecimentos, ordinários, extraordinários, teóricos e práticos, racional e imprudente.

Mas qualquer um que se ponha a *observar* esse cotidiano assim tão de perto poderá perceber que essas rupturas postas acima não existem, na verdade. E, qualquer um que se ponha a *mergulhar* neste cotidiano poderá sentir que essas *supostas rupturas* são, na verdade, *aberturas* que nos permitem interromper em certa medida o fluxo desse cotidiano desenfreado. É como mergulhar no mar profundo sem respiradores artificiais e ir à superfície buscar ar para só então retornar ao oceano. Aquele minuto na superfície é a abertura do cotidiano. Neste sentido, toda e qualquer abertura nesse cotidiano nos garante a sobrevivência. As aberturas do cotidiano são fôlegos de vida.

O aberto

Professora? O que te faz respirar na Educação Infantil? Onde está tua abertura? Como tu faz para sobreviver ao cotidiano? Deixa eu ser mais específica... não tô falando da tua hora de lazer, do teu happy hour. Eu tô querendo saber é do dia a dia da escola... da turma cheia; da falta de profissional; da relação com as famílias; do engessamento que por vezes a rotina impõe; das parcas políticas de inclusão; do teu “um terço de planejamento” roubado; da impossibilidade da formação imposta pela falta de plano de carreira; da falta de clareza do projeto educativo que hora te empurra para práticas pedagógicas modais e hora te retrocede ao puro assistencialismo. Eu quero saber, Professora, enquanto a Escola de Educação Infantil acontece, o que te faz respirar?

Penso que a resposta a essa questão não pode ser anunciada longe da ideia de que a docência na Educação Infantil não pode ser sem o Ato Responsável (BAKHTIN, 2010). Por que nenhuma docência se faz sem teoria. E eu não estou aqui falando das teorias científicas que a gente passa anos estudando na academia. Estou trazendo à discussão essa teoria que é pensamento e, por isso mesmo, indissociável da prática. Que por vezes, nós que estamos vivendo a educação infantil somos vistos como meros executores dessas teorias científicas que muito agregam e apontam caminhos, mas que, longe do cotidiano, é morta. E nós, PEIs (Professores de Educação Infantil, como somos chamados no Município do Rio de Janeiro), pensamos. Pensamos muito. Somos sim teóricos de nossa prática. Agora, se essa teoria é validada cientificamente ou não, é outra história... Ou você acredita realmente que um professor que passa quarenta horas semanais dentro de sala de aula não pensa sobre sua prática hora nenhuma? Seria isso possível? Não pensar?

“Pensar é uma pedreira.”, anunciou Manoel de Barros. Pensar é um *ato*. Assim como pode ser que uma palavra, uma narrativa, uma pergunta convoque ao pensamento, um *ato* me convoca a *responsabilidades*. “O ato é responsável e assinado: o sujeito que pensa um pensamento assume que assim pensa face ao outro, o que quer dizer que ele responde por isso.” (AMORIM, 2009, p. 22). Assim o é porque o pensamento-ato (idem, p.23) nos coloca não só como sujeitos que se responsabiliza pelo que pensa, mas também apresenta-se como algo inevitável a ser pensado. O pensamento-ato, então, coloca-se como algo necessário, essencial. Contudo não o faz pelo viés da lógica do conteúdo do pensamento em si, mas por uma necessidade ética que reside no ato de pensar um pensamento (p.23).

Então eu só posso responder a questão reorganizando a pergunta. A pergunta mais propensa a este diálogo seria: o que te faz pensar na educação infantil? Como você pensa sua prática? Seu cotidiano? Aí sim, posso te responder. Pensar requer refúgio, estratégia, mecanismo. Cada um cria o seu. Eu penso “de ouvido”. Escutando as vozes da educação

infantil vou pensando sobre aquele imenso mundo de coisas que se mostram cotidianamente. Coisas das mais diversas ordens. Mas, o pensamento-ato não é aquele que apresenta-se fora do cotidiano, separando teoria e prática. É aquele que retorna sempre aquele lugar interferindo e quem sabe, modificando-o. E é aí que aparece minha relação com a escrita para as crianças a partir daquilo que elas trazem em suas narrativas. Ouvir o que contam as crianças e produzir alguma escrita a partir dessas falas pode parecer (e talvez seja) pouco ou nada dialógico (e ainda não sei o tamanho do meu pecado), mas, essa é a minha tentativa de intervenção naquele cotidiano. Considero o exercício da escrita como o Ato Responsável de minha prática pedagógica.

As crianças com as quais trabalho são institucionalizadas antes mesmo de conseguirem se comunicar oralmente. Às vezes chegam para mim crianças que ainda nem balbuciam, que ainda não andam, que ainda não possuem dentição! Testemunho o primeiro passo, o primeiro dente e o milagre da primeira palavra! Ou às vezes me chegam crianças que o estranhamento do espaço educativo fazem calar durante meses a fio e, um dia, de repente, soltam aquela bela narrativa de seu cotidiano extra-instituição. Aquilo é um presente, sabe? Pense bem... quantos de nós, adultos, ao chegarmos numa sala de aula da universidade, nos escondemos com medo de falar, com vergonha, com receio dos julgamentos alheios? Agora imagine uma criança, meu Deus do Céu! Um bebê de dois, três anos? Imagine o que não é para ele lançar suas palavras num lugar novo com pessoas que acaba de conhecer?

Palavra translúcida

Sempre acreditei profundamente na capacidade intelectual da criança, entende? Nada daquela linguagem tatibitate, mas antes uma linguagem que acolhe e acaricia; uma linguagem que dialogue com a confiança depositada com aquela transposição de barreira que é a fala, muitas vezes e outras, a ausência dela. Eu adoraria produzir com as crianças todas as vezes. Seria o máximo: a criança falou, pum! E já estar ali uma belíssima produção coletiva. Acontece algumas vezes – aquela coisa do professor como escriba na Educação Infantil. Mas as vezes... na maioria das vezes não dá. Não só pela rotina, mas pelo peso e importância do que é falado. Vou te dizer: percebo que muitas vezes a criança não quer, naquele momento, maiores intervenções. Ela só quer falar e falar e falar e saber que existe alguém igualmente disposto a ouvir e ouvir e ouvir. Naquele momento. Mas sabe? Eu ouço e fico pensando sobre aquilo e muitas vezes aquilo me convoca a intervir. Então algumas vezes lembro de uma história que li. No outro dia, levo a história. E elas sacam! Elas vibram! Tia! Igual ao Miguel

naquele dia, né? Outras vezes, pensando, me vem uma história. Exercito a autoria. E o resultado quase sempre é o mesmo: tia, igual ao Arthur, né?

Narrar (-se) é quase sempre um esforço em dar-se ao Outro. Deixar que aquele outro me veja intimamente e seja ele, o Outro, capaz de dizer-me sob determinadas óticas que eu mesmo, frente ao espelho, não conseguiria fazê-lo. Narrar (-se) é projetar-se nos outros acreditando que toda narrativa chega ao mundo desejosa de encontro: dizer-se até que minhas palavras sejam as palavras dos outros – não porque minha palavra fez com que as outras (deles) inexistissem. Mas porque minha palavra reconheceu-se nas palavras dos outros e agora não está mais só no mundo. Toda narrativa, portanto, é um esforço contra a solidão.

Uma palavra nunca é lançada a esmo; uma voz nunca grita (ou mesmo sussurra) sem expectativa real de ser respondida: toda palavra lançada é uma convocação. Pode que esta palavra esteja convocando uma conversa, ou um sentido ou mesmo um pensamento. Aquela palavra que me alcança me amplia os significados ou me faz rejeitar as ideias que ela carrega, mas em todo caso, suscita em mim pensamentos outros a partir de sua chegada. Aquela palavra suscita em mim pensamentos. Por que não retornar ao Outro aquele pensamento-presente que sua palavra me deu?

Agora me ocorreu que esse Ato Responsável não está só no cotidiano na educação infantil em relação as crianças: permita-me mais um parêntese. Ele está ali também para os responsáveis por estas crianças. Assim como elas, seus responsáveis necessitam, muitas vezes de falar e de ter a certeza de que suas palavras foram ouvidas. Oxalá, fosse somente sobre reclamações a respeito de mordida, objetos perdidos, ralados no joelho ou mesmo sobre o entendimento sobre a rotina. Muitas vezes esses responsáveis chegam para nós com todas as suas dores. Às vezes chegam para nós até quando não estamos...

Palavra opaca

Aconteceu que, quando aquele pai acordou estava caminhando por aquelas ruas como se jamais as tivesse visto. Olhou em redor e não viu viva alma. Escutava meio abafado o som de conversas e o barulho do vento quente passando pelas poucas árvores que havia naquele lugar. Olhou para seus pés e viu que estava descalço. Suas roupas o incomodavam sobremaneira e uma folha seca voou em sua direção. Sem saber o que sentia, sem entender o que estava acontecendo, andou. Andou muito. Sempre em frente. Ouvia as batidas de seu coração, sua respiração ofegante e o barulho do vento quente sussurrando coisas incompreensíveis ao seu ouvido. Avistou aquelas grades que por um segundo lhes pareceram

infinitas. Sem sentir os pés, sem sentir o coração, sem pulsar seu espírito, caminhou. As vozes das crianças ficavam mais perto a medida em que se aproximava das grades. Por um milésimo de segundo sentiu esperança. Correu o mais rápido que pode buscando alcançar as vozes que vinham de dentro da grade. Mas ao chegar bem perto não viu ninguém. Agarrado àquelas grades azuis gritou. Chamou o Menino o mais alto que pode.

E o Menino respondeu. E seu coração estava transbordante novamente porque estava lá o menino, o seu Menino. Ele saía feliz com os colegas para brincar no pátio da escola. E acenava para o pai, satisfeito, contente, orgulhoso da beleza do menino! As bochechas rosadas de tanto correr, o corpinho suado e as mãozinhas pequenas limpando o suor que escorria pela testa e empretecia o pequeno rosto. Era mais um dia na vida do Menino. Era mais um dia na vida do pai.

Todos os dias eram assim. O pai chegava a escola carregando o Menino preso a sua corcunda. Chegava um pouquinho antes do horário de entrada para que pudessem aproveitar juntos o parquinho da escola. E Conversavam. Riam. Corriam. Algumas vezes o Menino tropeçava e caía. O pai limpava seus joelhos e fazia caretas para que o menino deixasse de chorar, e o encorajava a brincar mais um pouquinho. Enquanto o Menino brincava, o pai conversava com os professores e os funcionários. Fazia amizade. Oferecia seus préstimos para ajudar a escola. Achava importante colaborar para que tudo fosse bem naquele ambiente que seu filho gostava tanto de estar.

Era aquela quarta-feira véspera do feriado de Páscoa. A escola estava feliz e agitada. Tinha cheiro de chocolate e a expectativa da visita do coelhinho. Os pais estavam ansiosos pelo sorteio de uma cesta de artigos de chocolate. As crianças circulavam pela escola mostrando aos pais suas produções. E o Menino estava lá. O pai também estava. Ofereceu-se para fazer manutenção nos aparelhos de ar-condicionado de toda a escola. Deixou que o Menino entrasse na sala de aula, beijou-lhe a testa e foi buscar suas ferramentas de trabalho. E o dia transcorreu tranquilo e feliz.

Naquela sexta-feira Santa a manhã pareceu menos agradável do que todas as outras manhãs. Pareceu que o vento gostava de fazer pequenos remoinhos como a poeira e as poucas folhas espalhadas pela rua; pareceu que cada poeirinha queria mesmo grudar nas pálpebras da mãe do Menino e impedi-la de ver o mundo depois do roda – roda inventado pelo vento.

Aquela era realmente uma manhã estranha. Apesar do muito azul e das poucas nuvens no céu; apesar do solzinho agradável para corar qualquer pele; apesar do som quase silencioso dos bichinhos passeando pelo pequenino jardim que enfeitava a entrada da casa do Menino, havia preocupação naquela mãe. A febre que tomara repentinamente o Menino a impedira de

ver a beleza de seu jardim.

Não que fosse um jardim como aqueles que se vêem nos filmes norte-americanos, com suas flores muito pomposas e cercas naturais que dividem uma casa e outra, como se ninguém se preocupasse com a segurança do lar, ou como se confiassem extremamente em todos os moradores do bairro a ponto de achar que jamais seriam roubados, ou que sua grama não seria pisoteada. Não. Longe disso. Era um jardim suburbano em que as Cravinas, Hibiscos e Manjeronas precisam brigar com as Ervas-Daninhas para crescerem e serem vistas. Era um jardim com muros de tijolos à mostra que abrigavam com muita satisfação todo lodo acumulado da chuva e muitos Moluscos preguiçosos em seu rodapé. Era um jardim de *Gente Humilde*⁶ que espalha “*pela varanda, flores tristes e baldias/ Como a alegria que não tem onde encostar*”, como todos os outros daquele bairro ermo e ocre, pobre e visceral, poético e nostálgico.

Entre os moradores havia quem dissesse que o jardim da casa do menino era o mais bem cuidado daquela rua. A mãe do Menino, quase sempre silenciosa, dispensava cuidados ao filho e as suas flores e participava também da vida escolar de seu filho. Era o que se podia dizer, uma mãe zelosa. Preocupou-se então com aquela febre persistente. Deixando de lado as flores, as ervas daninhas e seus afazeres domésticos, encaminhou-se como o Menino ao médico. Foram horas de espera. Horas de angústia. Via a bochecha do Menino corar e, dessa vez, não fora tão afortunada quanto pai do Menino: via suas bochechas rosadas não pela brincadeira, mas pela febre que avançava sem descanso. Olhou para o lado e viu outras mães na mesma situação. Sentiu um aperto no peito e fez força para a lágrima não cair. Olhava para seu Menino tão indefeso naquele momento... Sentia vontade de gritar, de brigar, de invadir a sala médica. Mas resignou-se a espera; resignou-se a reza silenciosa.

Enfim o Menino fora atendido e medicado. O coração da mãe sossegou naquele instante. Retornou a seu lar com o Menino nos braços sem um diagnóstico preciso sobre o que lhe acometera. Voltara para sua rotina silenciosa, com algum alento no coração. Mas a sexta-feira Santa passara e o Menino piorara muito desde que estivera no hospital. A mãe santificava em pensamento o fruto de seu ventre. Rezava. E chorava.

Sábado de Aleluia. A enfermaria lotada. Novamente a longa espera. Novamente o desespero. Já não estava resignada. Gritava. Encontrava voz no desespero. Implorava por um atendimento urgente. A face do menino não estava mais corada. Empalidecera. Os olhos não mais abriam. O pai argumentava com os enfermeiros. A mãe gritava e gritava. Até que houve

⁶ Composição de Aníbal Augusto Sardinha, o Garoto, que recebeu letra póstuma de Vinícius de Moraes e com uma pequena contribuição de Chico Buarque, alcançando maior sucesso em 1970.

silêncio. A médica abriu a porta do consultório e recebeu a mãe com o Menino nos braços. Sentada naquela cadeira gelada, antes que a médica pudesse examinar o Menino, o pequeno desfalecera. A médica limitou-se a balançar a cabeça negativamente. Não havia mais nada que se pudesse fazer. Não havia explicação. Só havia silêncio, dor, e o rosto pálido do Menino. Só havia seus três anos e a promessa de um futuro encerrado ali.

O pai julgara ser aquilo tudo um sonho. Cansado de olhar para seu Menino imóvel; impossibilitado de olhar nos olhos de sua jovem esposa, voltou-se a si mesmo e em tudo o que aquele Sábado de Aleluia o transformara para sempre. Todos os projetos e sonhos; toda véspera feliz de quinta-feira Santa. Tudo silenciado. Acabado. Prestes a ser jogado no fundo da terra.

Quando acordou, enfim, estava caminhado por aquelas ruas como se jamais as tivesse visto. Olhou em redor e não viu viva alma. Escutava meio abafado o som de conversas e sentia o vento tocar seus cabelos brancos como fosse um afago. Não via mais seus pés. Sentia-se nu. Nenhuma folha voava. Nenhuma folha desprendida rolava pelo chão. Sabia bem a dor que sentia. Era ele, sua mulher e seu Menino aquela Gente Humilde. Sentindo seu peito se apertar andava. Andava muito. Sempre em frente, mesmo que não houvesse mais um caminho certo a seguir. Ouvia as batidas de seu coração, sua respiração ofegante e o barulho do sorriso do menino prometendo muita vida em seus ouvidos. Avistou aquelas grades que por um segundo lhes pareceram infinitas. Sem sentir os pés, sem sentir o coração, sem acreditar no milagre da Páscoa, caminhou. As vozes das crianças ficavam mais silenciosas na medida em que se aproximava daquelas grades. Não houve um milésimo de segundo para sentir esperança. Arrastou-se o quanto pode para chegar aquela escola. E lá estava ela: fechada, silenciosa, tanto quanto seu Menino. Sem ter voz para gritar, sentou-se em frente aquele portão e chorou copiosamente a dor da perda de seu Menino. Era domingo de Páscoa quando despediu-se do seu eterno Menino. Era segunda-feira pela manhã quando retornou com sua jovem esposa aquela escola, sem seu menino na corcunda e narrou, com a voz embargada e muitas lágrimas nos olhos todas estas coisas para quem quisesse ouvir.

E foi de partir o coração ouvir aquele pai dizendo: “Quando me deram aquela notícia... Eu... Eu não sabia bem o que estava fazendo. Então eu saí da sala da médica e caminhei. Caminhei... caminhei... sempre em frente. Quando dei por mim, estava aqui na porta da escola. Mas não tinha nada. Não tinha ninguém. Então eu segurei na grade e chorei...”

Pensamento-poema

Com todas aquelas palavras daquele pai deveras entristecido pela perda de seu filho, fui convocada a pensar. Era aquele um pensamento-ato: inevitável, necessário e responsabilizador. Aquele pensamento ultrapassava a dimensão contratual de meu trabalho; aquele pensamento tornava-me eticamente responsável diante daquela dor narrada/ouvida. Não poderia ser indiferente ao fato de que, no momento maior de sua angústia, aquele homem fora buscar conforto na escola em que seu filho passara grande parte de seus dias. Não poderia ser indiferente ao fato de que em seu mau dia, seu alento fora a escola.

E a escola estava silenciosa, dizia ele. Era fim de tarde de sábado. A escola era naquele momento, somente tijolo, cimento, grades e vidros. Pois o que é a Escola senão um amontoado de sorrisos e vozes e barulhos indecifráveis? A Escola não há de ser entendida, então, pelo prédio e suas rachaduras: há de ser olhada como os sujeitos que a animam. Como fosse o homem a criação divina e Deus lá do alto, soprando-lhe Espírito, assim também há de ser os sujeitos para a Escola: seu divino sopro de vida, ou não? A extensão da escola há de ser medida pelo tanto de vozes que dela ecoam, mesmo quando nela houver silêncio. Depois de ouvir (e pensar) estas coisas, fiz a única coisa que me cabia: abracei aquele pai e chorei com ele. A escrita só veio depois, como este poeminha choroso:

Chorinho

A tua ausência é um quadro
 que pinto em tons verdes.
 Riscos e formas e cores de grama.
 Orvalhada pela noite, a grama
 é sempre uma lembrança
 de tudo o que não foi flor,
 de tudo o que não foi terra e
 de tudo o que não foi grão.

Nova e pequena, ela é um convite
 para que façamos sombra,
 para que façamos tenda,
 e que sejamos continuidade
 de grão, terra e flor.

A tua ausência é um quadro
na parede do quarto,
é cortina esvoaçante na janela da sala,
é a porta aberta,
é a lâmpada do poste,
e a sombra no quintal.

A tua ausência é um calendário
que risco com caneta vermelha.
É alteração de tempo,
é estiagem e chuva e relógio.
É seca na mata, é fogo!
É fogo a tua ausência!

A tua ausência é uma escultura
Que minhas mãos esculpem em barro
e abrasam ao sol de meio dia,
esperando pacientemente
que eu lhe imprima a estranha
e necessária forma do amor.

Para o Cotidiano: literatura

O ato impensado

Certa vez, depois de contar a história da Rapunzel propus às crianças que fizessem de conta. Brincar de ser Rapunzel, de ser Rei, Rainha e Príncipe. Coloquei à disposição a caixa de fantasias. Propus que fizessem o que faziam cotidianamente: brincassem com as tais fantasias que quase sempre eram motivos de discórdia (muitas queriam o mesmo vestido; muitos queriam o mesmo cavaleiro de plástico). Todos foram rápidos em pegar cada qual um item da caixa. Observei Ana. Pegara apenas um par de luvas. Aproximei-me e disse a ela que ainda havia fantasias de princesas (vestidos e coroas). E ela, rapidamente, sobre minha fala infeliz e impensada:

– Sou menina, mas não quero ser princesa! Quero ser o príncipe! É muito chato ficar esperando! É muito mais legal subir no cavalo e sair por aí...”

Então, de ouvir estas coisas e pensar sobre elas, retornei ao pequeno Bakhtin (daquele conto sem propósito que te contei e até te mostrei depois) e tantos outros meninos quanto conheci. Pude até desconfiar que tudo quanto fixei meu pensamento não era assim tão óbvio quanto parecia. Lembrei então daquele que era ainda *Um Pequeno Polegar Antes da Época* “um menino de aspecto bastante agradável, ingênuo, franco e sem malícia”. Dependente – como conta Perrault – da piedade de outros e, mesmo quando abandonado, mantém as características dada por tantos e (até bem pouco tempo atrás), por mim mesma, próprias da infância. Esta meninice estaria associada a um estado de coisas alegres e ao mesmo tempo pueris: a criança, ser previsível, se apresentaria sempre sorridente ao colo da Virgem Maria ou ao lado de Arcanjos. Em todo tempo, a criança ri.

Mas essa criança que somente ri é, quase sempre, a mitologização da infância. A criança que ri é marca da infância feliz que todos nós vivemos. No entanto, essa consciência de infância nos sobrevém a posteriori, quando não mais somos parte dela. A criança que vive a infância apenas vive. Mais ou menos sobre isso, diria Alberto Caeiro (desculpe, mas assim vivo: lembrando o tempo todo da literatura que me atravessa):

A criança que pensa em fadas e acredita nas fadas
Age como um deus doente, mas como um deus.
Porque embora afirme que existe o que não existe,
Sabe como é que as coisas existem, que é existindo,
Sabe que existir existe e não se explica,
Sabe que não há razão nenhuma para nada existir,

Sabe que ser é estar em um ponto.
Só não sabe que o pensamento não é um ponto qualquer.

Essa criança então, esteve (e em certa medida ainda está) sempre relacionada a visão e mesmo a fala do adulto sobre ela. Criança. Infante. Que não fala. Que não tem voz. Abria-se aí a possibilidade do *mito da infância feliz* (ABRAMOVICH, F. 1983). Neste ponto, comecei a pensar esse mito como lido certa vez, numa literatura científica:

Uma hipótese lançada sobre o desconhecido para esclarecer uma questão obscura. No limite em que a dialética esbarra com alguma questão impenetrável, o mito ressurgue como palavra sagrada, vinda das profundezas dos tempos, que conduz a imaginação ao coração inatingível. Nesta medida, o mito se apresenta como suporte de uma metafísica honesta, pois faz um reconhecimento explícito dos limites da razão humana sem retirar dela seu poder de criação” (DÂNGELO, 2006, p.14)

Havia então a questão de que, imperceptivelmente, tomara para mim a infância como algo dado: suas representações aconteceriam num jogo perguntas/respostas que traziam consigo uma certa linearidade sobre a palavra. Ao passo que a criança com a qual pensava dialogar advinha do resgate da memória que estabelecera-se através de um mito, apagava a natureza cultural da infância. Enquanto o mito trazia consigo o poder de criação, retirava do sujeito real da infância (a criança) o mesmo poder. Tornava-a passiva, aculturada. Você percebe o tamanho dessa incoerência? Eu que sempre acreditei na capacidade intelectual das crianças me vi desconsiderando totalmente sua percepção de mundo e seu domínio sobre ele.

Por sorte que a literatura sempre me salva! Palavra! Esbarrei novamente com o “menino” Górkí. Aquele que anunciava: “Estou **Ganhando Meu Pão**⁷, sou um menino numa loja de ‘calçados da moda’, na rua principal da cidade [...]”. Era ele um menino que, distante da criança que somente ri, travava uma queda de braços cotidianamente pela sobrevivência na Rússia ainda patriarcal. É bem verdade que *Ganhando meu pão* é também um livro de memórias sobre a infância do órfão Gorki – mas tudo bem, se o primeiro testemunho que recorreremos é sempre o nosso (HALBWACHS, 2006). No entanto, a medida em que se afasta do mito da infância feliz, Gorki entrega a seu EU menino a possibilidade de criação. Enquanto ele vive a cultura (muitas vezes brutal) da época, insere-se nela e dá-se a possibilidade de interferência. Coloca-se como criança participante que pensa (e age sobre) a realidade vivida. Ele é o menino que aborrecido com a postura grosseira do patrão diante de uma quase freguesa (pois a mulher vai a loja e nada compra), resolve interferir da maneira infantil que lhe cabe:

⁷ Título da Obra. Negrito nosso.

Depois do jantar, o patrão foi dormir no quartinho anexo a loja, eu abri o seu relógio de ouro e pinguei vinagre no mecanismo. Senti grande prazer vendo-o aparecer na loja, depois de acordar, o relógio nas mãos, murmurando perplexo: - o que foi que aconteceu? De repente o relógio ficou... isso nunca aconteceu... ficou suado! Não será coisa ruim? (GORKI, M. 2009)

E antes que se possa tratar essa passagem como algo relacionado somente ao universo de travessuras infantis, ele segue dizendo: “Apesar das muitas correrias na loja e dos trabalhos em casa, eu como que adormecia num profundo enfado e, cada vez com maior frequência, pensava: o que fazer para ser expulso da loja?” (p. 22).

Gorki de pouco a pouco, conforme evoluía em suas narrativas, me ajudava a pensar uma outra infância. Entende? Com ele eu podia pensar que “estes lugares privilegiados da infância, dos quais o adulto se lembra, não são, portanto, os lugares de uma felicidade inocente e imaculada: pelo contrário, preenchem a criança de uma certa apreensão[...]” (GAHNEBIN e MARIE, J. P. 2009, p.88). Neste sentido, ia pensando que a criança era capaz de mitificar-se, de dar ao mundo sentido e respostas outras que não aquelas esperadas pelos adultos. As crianças seriam capazes então de dizer-se, de sentir, de experimentar e de jogar com sua realidade.

Era certo que algumas vezes, porém, o menino de Ganhando meu Pão vivia a infância feliz. Experienciava coisas que, certamente, povoariam seu imaginário adulto com as melhores lembranças, ou, mais que isso: permitia-se imaginar coisas, ainda na infância, que o salvariam da morbidez cotidiana. Ele dizia que “de tempos em tempos, nas horas difíceis [...] meu pai vinha à memória, tal como a vovó o vira em sonho: uma vareta de noqueira na mão, seguido por um cachorro de cor viva, que corria agitando a língua” (GORKI, p.287). Era ele, criança, a mitificar a própria infância enquanto ainda passava por ela. E então, mais uma vez me reconhecia: maneiras de pensar a docência enquanto ia passando por ela. Não seria a docência a prova cabal de que só existimos porque um Outro informa essa existência? Para o professor da primeira infância não existe mundo se não for a criança...

Criança real X criança imaginária.

Então, voltando a meu cotidiano pensei que talvez fora isso que houvera passado com Ana no episódio que lhe contei ainda há pouco. Talvez houvesse que a menina tivera necessidade de dizer-se, de “existir existindo”, sem explicar. E se acaso Ana “Sabe que ser é estar em um ponto./ Só não sabe que o pensamento não é um ponto qualquer.”, ali eu já começava a saber. Começava a perceber que não se tratava apenas de estar num lugar

privilegiado em relação a infância por já ter passado por ela e ser assim, capaz de dizê-la. Antes, tratava-se “tão somente de desmascarar o adulto que, acovardado diante da vida, usa sua vivência para desacreditar todas as tentativas de conquista de *algo grandioso*” (D’ÂNGELO.M, 2006, 11. Grifo da autora)

Voltando-me ao cotidiano com as crianças naquela escola de um bairro suburbano do Rio de Janeiro reconhecia de uma só vez, muitos aspectos das crianças que conheci através da literatura – esta que teima em ser minha lupa sobre a vida – e, costurando os fios de pensamento, fui me dando conta que estive sempre tensionada entre a ficção e a realidade. E é neste lugar tensionador que percebo que tanto as narrativas que leio nos romances como as que escuto das crianças em sala de aula coexistem neste espaço/tempo e trazem grandiosidades que, até aqui, não conseguia vislumbrar.

Perceber que havia algo de grandioso naquelas falas das (e sobre as) crianças retiravam-me daquele lugar quase romântico da mitologização da infância porque, naquela tensão literatura X cotidiano, ficção X realidade

privilegia-se o ato de falar: este opera no campo de um sistema linguístico; coloca em jogo uma *apropriação* ou uma reapropriação, da língua por locutores; instaura um *presente* relativo a um momento e a um lugar; e, estabelece *um contrato com o outro* (o interlocutor) numa rede de lugares e de relações (CERTEAU, 1995,p. 40. Grifos do autor).

Não havia saída: somente seria nessa relação, nesse contrato estabelecido com o outro que poderia haver a transição da “criança infante” (sem voz) para a criança “produtora de cultura” (SARMENTO, 2006), porque, a produção de cultura há que passar pela apropriação e pelos diversos usos da língua. Para Vygotsky (2005, p 190) “as palavras desempenham um papel central não só no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução histórica da consciência como um todo. Uma palavra é um microcosmo da consciência humana.”

Para pensar essa relação entre pensamento, linguagem e produção de cultura, Certeau segue em *A Invenção do Cotidiano* trazendo uma epígrafe de Pierre Janet que diz : “o que criou a humanidade foi a narração”. Nada mais poderia fazer tanto sentido! Nada mais poderia ser tão certo! A humanidade fora criada pela narração e assim também fora com a sala de aula; assim fora com a pesquisa; assim fora com o mundo! O mundo só existia porque alguém o contou. É necessário dizer que aquilo existe para que exista (e existir pode também ser subjetivo!). A criança diz: eu vi o monstro de laçarotes na cabeça esta noite... e pronto! Aquele monstro existiu a noite toda, brincou com ela, ou a apavorou; encontrou casa em seus sonhos, ou roubou seu sono e a deixou acordada a noite toda. Mas o fato é: aquele monstro

ganhou vida através da narrativa de alguém.

A vida através da narrativa de alguém... é assim para você, na pesquisa, não é? É... eu percebo. Eu entendo. Tenho percebido através dos nossos encontros, das nossas conversas. Era para ser uma pesquisa sobre as narrativas das crianças, não é mesmo? Você disse. Eu lembro. Mas tem muitas vozes por aqui, eu sei. Vou ser sincera. Assim que você se apresentou e contou tua pretensão, eu pensei: como pode ser uma pesquisa que acontece por meio das narrativas das crianças? Não basta tomar como procedimento metodológico a audição de narrativas, ainda precisa tomar como sujeito de pesquisa as crianças? Mais uma vez, (mas agora durante a tua pesquisa), me vi titubeante quanto aquilo que sempre cri ser a espinha dorsal de meu trabalho docente: a fé na capacidade intelectual das crianças. Era como se você me dissesse: Ei! Eu acredito no que você diz que acredita! E então eu ficava me questionando, sabe?

Interferências dialógicas

Mas aí eu comecei a pensar – e você pode me dizer se estou equivocada – que pra você as coisas também estavam um pouco diferentes. Com o passar do tempo, ao longo desses nossos encontros, percebi que não eram mais as narrativas das crianças o elemento principal de sua pesquisa. Comecei a sentir que cada vez mais te interessava saber o que eu fazia com tudo o que as crianças me contam. E agora sinto que tua pesquisa foi se enveredando por outros caminhos... comecei a pensar que o lugar da sua pesquisa não é a escola, ou as crianças, ou mesmo minha prática como professora. O lugar de sua pesquisa é a *narrativa do cotidiano*.

Sei que sou eu tua sujeita de pesquisa e não o contrário. Mas quando a gente participa de um projeto desses, a gente pensa sobre e, para mim, somente a partir da delimitação do seu lugar de pesquisa posso seguir pensando junto às narrativas que ouço (e que também te conto). Seu lugar de pesquisa não me parece qualquer lugar: é aquele muitas vezes incompreendido, marginalizado, subalternizado, renegado às práticas cotidianas que não merecem *espaço* na academia, essa que carrega consigo, na imensa maioria das vezes, o modelo positivista que toma para si a necessidade da verdade e o torna incontestável.

Pensando tua pesquisa retornei à minha prática. Retornei a fala da Ana e a história que a reflexão sobre aquela fala me deu de presente depois. *Deu Zebra* é o nome da história que escrevi. É claro que enquanto escrevia, ingenuamente, achava que eu daria uma história nova de presente às crianças. A percepção de que, na verdade, o presente era pra mim mesma só

veio depois, durante a pesquisa. Foi quando comecei a pensar *porque realmente escrevo para as crianças*, sabe? Você pesquisa as narrativas do cotidiano e eu “me pesquiso” também durante este processo. Me parece que aí a pesquisa vai fazendo mais sentido. Ela vai deixando de ser algo que acontece apenas para “cumprir um script” e vai interferindo sobre a realidade pesquisada.

Quando escolhi o título da história, pensava somente na imbecilização que imputara às crianças. Falei com Ana a partir de um modelo de infância que julgava não adotar em minha prática. Mas ele estava ali, tão arraigado quanto ocultado em meu subconsciente. Sim! Deu zebra! Ana me fez pensar que seria cada vez mais necessário durante a caminhada voltar-me verdadeiramente para o que contam aqueles pequeninos seres anônimos, despindo-me do privilégio que a roupa de adulto nos fornece unicamente por já ter passado por aquele lugar da infância. Seria necessário não mais cair na armadilha da experiência. Que a experiência seja sempre algo que nos atravessa e não que nos coloque fora do que é vivido no cotidiano.

Imaginei que, por vezes, impensadamente, renegamos nossas crianças à clandestinidade: rostinhos pequenos, vozes finas tagarelantes e um mundo de coisas a dizer que poucas pessoas estão dispostas a ouvir. Ouvir de verdade, a ponto de dialogar com elas, deixando-as existir. Essas crianças falam! Coisas interessantes ou difíceis de entender; coisas aparentemente desconectadas da realidade ou muito mais próximas dela do que podemos alcançar, mas falam com muita propriedade de seu universo. Não existe então, qualquer incapacidade dessas crianças ao falar, mas existe antes, muitas vezes, nossa incapacidade adulta em ouvir.

E foi aí que retornei a Gorki em sua jornada como o menino da loja de calçados. Ele foi astucioso em seu cotidiano. Precisava sê-lo. Talvez nossa incapacidade de perceber essa criança que pensa e que age sobre o mundo as esteja encarcerando nesse lugar de astúcia, cerceando seus direitos de Ser e Existir honestamente, através da autopercepção de suas variadas sensações, emoções, palavras e gestos. Tomei como exemplo a astúcia, mas quero na verdade me referir a essa necessidade de moldar um ser social anulando a possibilidade de autorreflexão. Quando eu disse para Ana “tem mais vestidos de princesa” eu estava na verdade desejosa de fazê-la enxergar algo que, na realidade, saltava a meus olhos. Ainda que ela não tivesse visto e que outra criança tomasse a fantasia para si e só então ela reclamasse o direito de vestir-se como princesa, era um direito dela passar por aquele conflito e tentar resolve-lo. Era direito dela questionar, chorar, brigar pelo objeto e mesmo me solicitar para ajudar a resolver o impasse. É direito da criança sentir raiva, frustrar-se, euforiar-se, declarar tristeza ou alegria e a partir dessas sensações aprender a relacionar-se com seu entorno,

conhecendo-se a partir das relações que estabelece e das experiências que vive.

Confesso: numa turma com vinte e cinco crianças dá mesmo vontade de evitar (ou pelo menos minimizar o máximo possível) que este tanto de relações aconteçam (ou pelo menos as conflituosas). Dá uma certa tristeza em assumir isso, mas é verdade! É o que dizia anteriormente sobre nossa incapacidade adulta. Assim como muitas vezes não somos capazes de ouvir, igualmente não sabemos esperar a descoberta de si; não conseguimos perceber que, embora exista um modelo ético e moralmente correto, é parte primordial de nossa formação *tornar-se* esse sujeito social. Vou me fazendo gente a medida em que experimento as variáveis que me informam a humanidade: sentir, pensar, experimentar, narrar, fazer.

Fui me dando conta que eu é que precisaria ser astuciosa não só em meu cotidiano como docente, mas principalmente em minha relação com a escrita e sua correlação com meu trabalho em sala de aula. Escreveria sim para as crianças sobre pequenos homens-meninos de palavras extraordinárias (como as delas); escreveria sim para elas sobre Zebras que viviam e pensavam diferente, (assim como Ana); escreveria sim sobre reinos fantasiosos, princesas carecas, borboletas azuis e tudo quanto as crianças me dessem oportunidade; mas essa escrita jamais poderia se sobrepor ao universo real trazido pelas vozes que movimentam a sala de aula. O exercício da escrita seria, para mim, primeiro a possibilidade de autoformação e mesmo de desopilação das angústias que muitas vezes me acometem nesse cotidiano que tenho te contado. Depois (só depois) seria compartilhar com as crianças, em forma de uma palavra outra, o presente que delas tenho recebido.

E foi assim quando Deu Zebra. Depois da escrita levei a história para as crianças numa roda de conversa. Fui narrando devagar e peguei umas canetas para quadro branco e pedi que as crianças fossem desenhando as personagens e os cenários. Todo mundo queria desenhar e foi uma confusão! Mas a gente riu, sabe? A gente fez a Zanúbia (personagem principal) com patas de tamanhos diferentes e listras vermelhas; a gente fez o fazendeiro com corpo de palito e chapéu grandão e braços que saem das orelhas... e a gente foi feliz, sabe? A gente viveu aquele momento confuso e falou junto e pegou mais de uma caneta pra escrever ao mesmo tempo... e depois eu contei a verdade. Disse que escrevi a história porque a Ana disse que não queria ser princesa coisíssima nenhuma e então eu pensei que poderia ser que uma zebra não quisesse ser zebra, um pato não quisesse ser pato e um boneco de madeira quisesse ser menino... Aí você pode imaginar, né? Começamos um jogo de “quem não quer ser”. Foi divertido e depois, no outro dia, ouvimos e contamos a história de Pinóquio. E aí fomos caminhando, entende?

Deu Zebra!

Zanúbia era uma zebra que vivia solitária na fazenda. Só havia ela de sua espécie entre todos os animais. Ao contrário do que as outras fêmeas achavam, Zanúbia não se preocupava nem um pouco com isso: passava seu tempo rindo, brincando, aprendendo e fazendo muitas coisas *espetaculares*.

Um dia houve um chá na casa de Dona Pata e todas as fêmeas foram convidadas, inclusive Zanúbia, que foi e levou de presente um lindo quadro, pintada por ela mesma, inspirado nas obras de *Vicente Van Gogh*. Apesar de ser um quadro muito bonito e colorido, as fêmeas não acharam nada demais e disseram para a zebra:

- Zanúbia, minha filha. Está na hora de você casar, ter filhotes e ser feliz para sempre! A parte feminina da fazenda está empenhada e nós vamos arrumar um macho pra você! Ah, se vamos!

Sem que Zanúbia pudesse dizer nem que sim, nem que não, acabou-se o chá. No outro dia, no entanto, Dona Pata bateu a porta da bem-humorada zebrinha e disse:

- Trouxe aqui cola e pena. Cubra-se com elas e vamos a uma festa da *pataria* na fazenda vizinha, Certamente lá te arrumo casamento!

Zanúbia pôs a cola e entupiu-se de penas. Colou um casco de árvore no focinho, pintou de amarelo e fingiu um bico. Foi até a festa da *pataria* rindo - mas não muito, para não despencar a fantasia arrumada por Dona Pata.

Ao chegar na festa, todos estavam muito animados: riam, comiam grãos e dançavam sem parar. Foi então que Zanúbia lembrou-se de uma dança que aprendera lendo sobre as culturas do mundo. Vendo os patinhos tentando equilibrarem-se sobre seus pequenos pezinhos e girando desengonçadamente para lá e para cá, começou a dançar *O Vira*, uma famosa dança de Portugal. Todos imitaram Zanúbia, que, esquecendo-se da fantasia, pulava sobre as patas traseiras que mais lembrava um canguru. Até que... as penas caíram, o bico rolou e todos descobriram que Zanúbia era uma zebrinha muito gentil e animada. Os patos acharam graça e convidaram Zanúbia para comparecer à próxima festa da *pataria*, mas dessa vez sem disfarce:

- O bom mesmo é andar por aí de fuças limpas! - Disseram

Zanúbia voltou pra casa feliz, mas Dona Pata não se conformava: Zanúbia era tão legal, mas era meio doidinha, tadinha! Se não casasse, como seria feliz para sempre? Então Dona Pata pensou bastante e teve outra ideia. Foi falar com Dona Égua. Depois de tudo explicadinho, Dona Pata conclui:

- Pode ser que a Comadre Égua arranje casamento para a zebrinha Zanúbia mais fácil, pois suas espécies são bem parecidas!

Comadre Égua - que era uma excelente Dona de Curral e que amava ser feliz para sempre com seu marido e seus potrinhos, teve dó de Zanúbia e decidiu ajudar. No outro dia bateu na casa da zebrinha - que demorou a responder, pois estava muito empolgada ouvindo *A Nona Sinfonia de Beethoven*- e, logo que apareceu ouviu os relinchos de empolgação de Comadre Égua que disse:

- Zanúbia, te convido para ir ao meu curral, ao jantar de Gala que oferecerei para as éguas e cavalos das fazendas vizinhas. Peço que você vá muito bem *paramentada*, pois todos estarão a caráter. Ah... e se possível, esconda suas listras! Vá como se fosse uma *égua rica e fina!*

Zanúbia achou graça, mas fez o que pedira a amiga. Escondeu suas listras pretas passando um pouco de sua tinta branca sobre elas. Entrou num vestido muito bonito, ornado com pequenas pérolas que ao longe brilhavam. Zanúbia imaginou-se como uma cantora lírica naquele momento e caminhou muito, muito feliz até o curral de Comadre Égua. Quando chegou, ficou impressionada com a elegância de todos aqueles cavalos e éguas. Quando Comadre Égua propôs um brinde, Zanúbia não perdeu tempo: agradeceu o convite e se pôs a cantar *O Ode à Alegria*, como na Nona Sinfonia. Todos ficaram *boquiabertos* com a voz de Zanúbia que, suando de emoção, fez com que suas listras reaparecessem e todos vissem que ela era na verdade, uma zebra encantadora. Ao final de sua bela apresentação, os cavalos foram parabenizá-la e disseram que aparecesse em outros jantares de Gala, mas que fosse como uma zebrinha mesmo. Zanúbia voltou para casa satisfeita naquela noite.

Mas no outro dia Comadre Égua ainda estava inconformada: pobre Zanúbia... mais uma festa e ela sem marido e sem ser feliz para sempre! Comadre Égua já ia pedindo ajuda para Senhora Cabra, mas, antes que isso pudesse acontecer, a Vaca Formosa meteu-se na conversa e disse:

-Ora meninas... Disfarçando a zebra Zanúbia não vamos arranjar-lhe casamento nunca! Nós precisamos é arrumar um macho da espécie dela! Um zebro! Digo: uma Zebra Macho! Vamos falar com o fazendeiro.

Então as fêmeas da fazenda foram conversar com o fazendeiro que entendeu tim-tim-por-tim-tim e resolveu ajudar: entrou no facebook e mandou mensagem para seus amigos fazendeiros de todo o mundo e pediu que enviassem à sua fazenda, o mais rápido possível, candidatos a marido para Zanúbia. Contou todas as facetas da zebrinha: pintora, cantora, dançarina, profunda conhecedora das culturas mundiais, alegre, bem-humorada, amiga, atriz,

inteligente, etc, etc, etc.

Não demorou e chegaram pretendentes da China, do Egito, de Moscou, Madri, Portugal, São Paulo, Nova Guiné, Chile, Etiópia, França, Holanda, Paquistão, Rio Grande do Sul, Tchecoslováquia e Acre. Zanúbia conversou com todos eles e, incrível como teve assunto! (É claro que conversaram em zebrês, para universalizar o papo) Perguntou curiosidade sobre suas fazendas e contou histórias que ouvira falar sobre cada um dos lugares representados por aquelas encantadoras zebras machos. Zanúbia ficou encantada com cada um e ao final chamou todos os amigos da fazenda para anunciar sua decisão.

O Fazendeiro estava filmando para colocar tudo no Youtube; Dona Pata estava arrancando as penas de curiosidade; Comadre Égua roia os cascos e a Vaca Formosa mugia de emoção. Isso sem falar que longe se ouvia os corações dos pretendentes *tamborilando* peito a fora! E enfim Zanúbia... Não apareceu!

Mandou o amigo Papagaio levar o recado:

- Queridos amigos, obrigada pelo carinho imenso de cada um. Obrigada pela preocupação com minha felicidade! Eu achava que era feliz aqui na fazenda, mas vocês me fizeram ver que eu não era assim tãããããão feliz quanto pensava. Depois que conheci meus amigos Zebras de todo o mundo, percebi que aqui não é meu lugar. Consegui uma passagem para Salvador e de lá partirei para muitos outros lugares. Desculpem não me despedir *zebralmente*, mas é que, além de chorar muito em despedidas, poderia perder meu voo e, juro: não quero perder nem mais um segundinho de minha listrada vidinha! Obrigada mesmo! Um beijo e um cheiro!

Quando o papagaio acabou de ler a carta, todos fecharam as bocas e fez-se um silêncio tão grande que nem o grilo se ouvia cantar. Mas então, o pretendente que veio da China aplaudiu; o Português gritou bravo; o de São Paulo disse Viva! e assim, cada um foi comemorando a decisão de Zanúbia. Todos os bichos ficaram contagiados com aquela felicidade e de repente toda a fazenda era uma festa só.

O fazendeiro acompanhou toda a viagem de Zanúbia pelas redes sociais e compartilhou tudo com os animais da fazenda: a temporada de Zanúbia em Las Vegas foi um sucesso de público e de crítica; o trabalho como guia cultural no *Louvre e no Museu de Orsey*, ambos na França, foi uma alegria; esteve na terra do Tango; trabalhou em muitos lugares; conheceu muitas pessoas e, como sempre: pintou, cantou, dançou, cozinhou, aprendeu, aprendeu, ensinou, aprendeu... e... adivinhem só? Estava sendo *feliz para sempre...*

Para as vozes, audição.

Eu, caçadora de mim.

A mim, pesquisadora, caberia agora depois de ouvir (e ler) atentamente a Professora, e, considerando que “a paisagem imaginária de uma pesquisa sempre tem algum valor, mesmo destituída de rigor” (CERTEAU, 1995, p.105) debruçar-me sobre todo aquele material que vinha juntando (anotações, gravações, memórias e mesmo sentimentos) e pensar sobre ele. A percepção que a professora tivera de que a pesquisa fora se transformando não era equivocada. Sem que eu percebesse, outras falas convocaram meus ouvidos e decidi de pronto ouvi-las. Mais que isso, fui ficando desejosa de uma escrita cada vez mais suave e próxima do cotidiano escolar que ouvia. Parecia-me necessário reivindicar junto a Certeau novamente, outras “maneiras de fazer”. (idem, p. 41). Seria necessário ocupar-me junto às narrativas das crianças, também das narrativas sobre as crianças e, em contrapartida, pensar a “criança ordinária” tal qual Certeau pensara o *homem ordinário*.

Dizia Certeau (1995, p.201) que “um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência” e que “*o espaço é um lugar praticado*” (p. 202). Se estas palavras pudessem ser transformadas numa equação, diante de toda mudança em que mergulhava a pesquisa, poderia dizer que essa é uma conta que não fecha. Como dialogar sobre um lugar sem ter espaço para tal? Diante da cientificidade dos fatos, era esse mais um problema: encontrar *espaço* para meu *lugar* de pesquisa (definido pela professora como *narrativas do cotidiano* e tomado por mim mesma como a tal paisagem imaginária de pesquisa, tal qual Certeau apontara em seus escritos).

Uma coisa, no entanto, fez com que me aventurasse sem maiores temores pelo caminho escolhido: se de fato ainda não encontrava espaço diante da academia para aquele lugar de pesquisa, o que outorgava a legitimidade necessária para esse fazer é o próprio cotidiano, pois era ali que observava as crianças fazendo “uso”, com muita propriedade, de tudo quanto “consumiam” culturalmente; era em meio ao anonimato daquelas “crianças ordinárias” que vi (e ouvi) surgir palavras e coisas que gosto de pensar que são “extraordinárias”. Considero sim, como extraordinária a fala da pequena Ana. Parece-me extraordinário que uma menina que cresce em uma sociedade que a faz consumir cotidianamente o sonho de ser princesa, levantar sua voz e dizer: Ei! Mas ser princesa é chato! Legal é ser o príncipe que cavalga livremente por aí!

Parece-me extraordinário não porque é algo fantástico, algo de outro mundo, como no sentido hermenêutico que por vezes empregamos à referida palavra. O é na semântica. Os dicionários da língua portuguesa apresentam a palavra “extraordinário”, em geral, como um adjetivo e dizem de seus significados que é algo que ocorre não conforme ao ordinário ou ao costume; que é algo não obrigatório, excepcional; que é aquilo que não se faz de ordinário; ou ainda, aquilo que excede as despesas ordinárias.

A fala de Ana, aquela pequena criança ordinária – e aí que se empregue a palavra ordinária livre de toda vulgaridade que por vezes lhe é atribuída – traz consigo a confirmação de que não há passividade quando a discussão é a linguagem utilizada. Todo consumidor é também um produtor de linguagem como já informara Certeau (1995) e é esse jogo consumo/produção que nos leva a transição ordinário X extraordinário, manutenção X criação de palavras.

Penso que o extraordinário é um estranho particular. É este que mora isolado do óbvio, que é nômade por natureza e que é um singular irrepitível; trazendo uma aproximação da linguagem utilizada pela professora, diria que é ele um senhor de chapéu vermelho que se destaca na multidão e que desaparece entre ela com a mesma destreza que os vendedores ambulantes dos calçadões da Cidade; é um jovem poeta que doa suas palavras aos transeuntes na porta da Universidade e que se vai, de repente (não mais que de repente) não se sabe pra onde. O Extraordinário é uma coisa. É uma sombra. É um nicho. É Extra Ordinário.

É este que está fora da ordem. Que subverte. Que nos faz ver e pensar coisas diferentes sobre os mesmos fatos; esta partícula que muda a forma das coisas, que desarruma, que desalinha e que ressignifica; é o lugar em que algumas pessoas desejam estar e é o lugar que, sem perceber, todas elas estão. Ou acaso não seria o cotidiano um todo extraordinário por acontecer pela feitura de cada um de nós? Não seria que este cotidiano abriga em si, extraordinariamente, tesouros esquecidos nas superfícies das coisas? Não seria que, talvez, este extraordinário esteja ali (bem ali) esperando olhos e ouvidos atentos para se mostrar?

Ordinário cotidiano.

O extraordinário precisa ser contado. Precisa ser visto. Sentido. Talvez seja ele o contraponto que equilibra a balança da vida e permite que o ordinário aconteça. É esse extraordinário que acontece no cotidiano quando, por exemplo:

uma criança senta sobre uma almofada e cavalga minutos sem fim por uma floresta e ao voltar, diz para seus amigos: O cavalo *descresceu* e agora tá fofinho!

Ou quando, durante uma atividade de escrita, ouço o seguinte diálogo:

- Peguem lista de palavras, por favor. Essa é a lista dos animais que botam ovos, lembram? Quem bota ovo?

- a minha mãe tia!

- A sua mão bota ovo?

- É tia! Minha mãe bota ovo na panela lá de casa!

Ou quando, durante a criação de um poema coletivo, acontece a seguinte cena:

Poema:

- A abelha Maria, voava e...

- ZUMBIA!

- Voava daqui para lá (...)

Ia voando, cheia de cor.

Ia voando, fazendo mel,

Ia voando fazendo?

- COCOOOOOOOOOOO!

Ou ainda, durante a elaboração de outra atividade de escrita coletiva, surge uma lista incomum de animais que voam:

- Borboleta!

- Passarinho!

- Abelha!

- Morcego! Morcego!

- Gaivota!

- **CAVALO-VOADOR!**

Ao olhar tais anotações feitas durante as visitas naquela sala de aula, fiquei pensando que o extraordinário acontece apesar de nós: não podemos controlá-lo e nem ao menos pressenti-lo. Podemos unicamente estar atentos a seu acontecimento e com ele perceber inúmeras coisas que antes dele não conseguíamos. O extraordinário é, muitas vezes, narrado

com uma assustadora naturalidade ordinária:

“Emanuel é o que muitos chamam ‘menino problema’. Está sempre envolvido em confusão. Na quinta (22/10) bateu em quatro colegas, chutou a professora e ainda em dois profissionais da escola que tentaram acalmá-lo. Foi soco e chute para todos os lados. No dia 24 foi a festa das crianças. Emanuel não compareceu. Na segunda, dia 26/10, ouvi sua professora (muito atenciosa, carinhosa e cheia de chamego), conversar com ele: ‘Poxa, Emanuel! Eu te esperei tanto na festa! Até guardei seus doces! Mas porque você não veio?’. Ele, muito prático: ‘Não vim porque na hora que eu tava vindo meu pai foi lá em casa pra bater na minha mãe’. (Silêncio da professora. Espanto meu). E assim, com a mesma naturalidade que disse, entrou na sala e foi brincar com os colegas.” (anotações de campo, outubro de 2015)

Conheci Emanuel “por acidente” já que ele é de outra turma. O conheci pelos corredores da escola, da mesma forma que sua professora, outras crianças, funcionários e responsáveis. Ele tinha aquela voz que me ecoava os ouvidos. É aquela voz extraordinária que está por aí falando suas ordinariiedades. Ela narrou aquele episódio como se aquilo fosse o normal de todas as relações entre pais e mães. Não havia receio, pudor ou mesmo agressividade: ele falava do que sabia, do que vivia, do que conhecia.

Ouvir Emanuel foi fundamental. Não pude fazer nenhuma interferência (embora minha vontade fosse de dar-lhe um abraço e continuar a conversa). Não pude não sei por que. Não sei se estava de fato colocando-me em certa neutralidade de pesquisadora ou se somente entendi que não cabia a mim tomar tal atitude, já que não era comigo que falava. Não sei se fui covarde, ética ou respeitosa. Mas sei que aquela fala corroborou com a ideia de que a pesquisa também vai se fazendo... ganhando alma e indicando os caminhos que quer seguir.

Depois de Emanuel ficou mais claro que precisava pesquisar com ouvidos de ouvir o extraordinário, mesmo sabendo-me dentro do ordinário e, ao mesmo tempo, colocando-me fora dele; fiquei desejosa de me permitir pensar de muitas maneiras e também de encontrar coragem para perguntar e mais coragem ainda para ficar calada, ouvindo (somente ouvindo) o que, generosamente, o cotidiano com todas aquelas vozes poderia dizer.

Passei a andar mais atenta por todos os espaços da escola. Os corredores começaram a parecer mais entusiásticos. Sempre tinha alguma vozinha ao fundo conversando com o entorno. Eram risadas, choros, gritos; pedidos de auxílio para uma limpeza inesperada, reclamações sobre problemas cotidianos... era isso, enfim: o cotidiano acontecendo corriqueiramente. E quanta expressividade há no que é corriqueiro! O corriqueiro é o trivial, mas também é ele que abriga a novidade. A criança saindo de sala e indo ao encontro da mãe

ao final do dia é a cena mais corriqueira em uma escola; a conversa entre mãe e filho sobre as coisas que aconteceram naquele dia na escola, logo no momento da saída, também são muito comuns. Falar é algo comum, corriqueiro, trivial para nós, a maior parte do tempo.

Falar parece-nos uma novidade somente enquanto acompanhamos a criança na aquisição dessa linguagem. Qualquer balbúcio é comemorado pelos mais próximos àquela criança. Depois chega o tempo em que banalizamos o falar. A gente sabe que ele acontece e pronto! A gente esquece um pouco que a fala é também veículo para as novidades, para as descobertas, para a acomodação e apropriação do mundo.

“Na hora da saída eu anotava umas coisas enquanto a professora despedia-se das crianças. Pelo corredor uma criança corria ao encontro da mãe e gritava eufórica: mãe, mãe! Dá os parabéns a tia Cris... hoje ela está crescendo!” (anotações de campo, julho de 2015)

Uma palavra pode ser sempre extraordinária, senão, a escuta dessa palavra pode sê-lo. Talvez não tenhamos responsabilidade sobre aquilo que nos é falado ou mesmo sobre aquilo que ouvimos por acaso, mas seremos sempre responsáveis por aquilo que fazemos com aquilo que ouvimos. É assim na prática docente, é assim na vida e também o é na pesquisa. Por isso quem agora fala é a voz que ouviu. É neste ponto da pesquisa em que me encontro: decidir como contar o que o “campo” me contou. É um exercício: escrever, ler, analisar, voltar-se aos referenciais teóricos sempre decidindo o que e como fazer. Voltar-se aos rascunhos sobre a mesa e a tudo o que já fora organizado anteriormente no texto me faz perceber que a metalinguagem apareceu despreziosa e foi ganhando espaço, tornando-se imprescindível para dizer que esta pesquisa, bem como a escrita da mesma, aconteceu sempre em meio aos conflitos existentes sobre as linguagens e a estética textual que pretendia apresentar.

A ouvinte

O contato com todas estas vozes (e tantas outras que não registrei) me fez pensar que as palavras, principalmente estas que agora escrevo, parecem sempre um grande ensaio (o que torna a estreia, portanto, aterrorizadora). Mas, pensando sob outros aspectos – mais distantes do modo convencional de uma comunicação de pesquisa, por exemplo – posso supor que as palavras do mundo estão sempre estreando. Ou não é que, cada vez que uma palavra chega ao mundo traz consigo significados outros que só podem ser pelo contexto em que foram ditas, escritas, anunciadas? Talvez a tarefa árdua anunciada esteja no fato de que, mesmo enquanto ensaio, as palavras estão sempre prontas a estrear. Caminhando para o final desta jornada,

parece-me que o que deu forma, corpo e alma à pesquisa foi justamente ensaiar a escrita tanto quanto necessário, pois, “aqui a convicção reinante é... Rumina-se o parecer dez vezes antes de emiti-lo a alguém de fora”. (BENJAMIN, 1995, p.173)

E de certo que talvez nunca haja um parecer tão conciso a ser emitido acerca de todas as coisas que vivi (e principalmente ouvi) durante esta caminhada enquanto pesquisadora. Mas há o compromisso com a escrita e com todos aqueles que porventura topem assim, meio por acaso, com tudo isso que registrei; há um esforço imenso em deixar transparecer as inúmeras vozes com as quais encontrei pelo caminho; Há ainda, “finalmente, e acima de tudo, amabilidade. Não a que cede, insípida, cômoda, mas a que surpreende, dialética, impulsiva, que tal um laço, de pronto, dociliza o parceiro”. (BENJAMIN, 1995, p.189)

Para todos os dias: amorosidade

Carta à pesquisadora.

Clara, querida.

Quando cheguei à escola e me deparei com o envelope com teus escritos sobre a pesquisa fui tomada por um turbilhão de pensamentos e sensações. Não sabia o que esperar. Quando li tudo... foi... foi... uma sensação estranha. Era ali, a minha frente a materialização de um projeto em que me reconhecia. Então recebi sua ligação combinando um “último encontro”. Decidi, sozinha, sem dialogar contigo, que iria a teu encontro através desta carta. Careta, não é? Mas é que eu também gostaria de “ruminar minhas palavras muitas vezes antes de emití-la a alguém”, mesmo que esse alguém já não me pareça tão de fora assim.

Que prova! Estar dentro, mas colocar-se de fora; estar fora e narrar de dentro (do cotidiano e de si); narrar de maneira tal que os outros se reconheçam nas experiências contadas e que sejam convidados a dialogarem com aquela realidade escrita. Sinceramente, Clara, não tenho competência técnica para saber dos teus acertos e dos teus erros nessa comunicação, mas como alguém apaixonada por histórias (extraordinárias e comuns) senti-me convidada a dialogar contigo através da escrita. Por isso agora te escrevo. Senti que deveria te contar uma última memória, mas é claro que de posse da autoria desta pesquisa, caberá a você decidir se ela cabe ou não neste espaço “tensionador e conflituoso” de comunicação acadêmica.

Pensei em dividir contigo esta memória porque você disse (citando Benjamim) que há muito desejo de amabilidade em tua escrita. Que desejo bonito! Desejo de amar o Outro enquanto escreve; amar a um Outro que nem se conhece – porque a escrita é se dar por inteiro a qualquer um que leia o que foi escrito. Decidir por uma escrita amorosa é levar a cabo esta consideração: escrever para acolher o leitor. Parece-me que tua escolha de escrita tem um público bem definido: a professora como eu, simples, que está na lida diária com as crianças e seus responsáveis; parece-me que a tua escrita também deseja se encontrar com esses responsáveis e mesmo com estas crianças – ou será que foi a toa a decisão de deixar no texto as histórias que escrevi para (e em alguns momentos com) as crianças e que desde o primeiro

momento te autorizei a usar?

A gente está falando é de amor, baby! Dessa amorosidade que ajuda a tocar o cotidiano e a seguir em frente; desse amor que não apaga a luta política, mas que provoca inúmeros encontros capazes de nos fortalecer frente a ela. Estamos falando de não perder a amabilidade e considerar sempre o que aquele Outro tem a nos dizer. Ouvir é amar. Os melhores professores que tive me amaram através da escuta: Maria da Consolação, sempre tão doce e disposta a me ouvir dentro e fora da escola; Bilsa e Gracy que ouviam minhas inquietações sobre a formação docente; O querido Eraldo Maia que ouvia minhas histórias e por vezes compunha versos e anedotas (como ele mesmo gostava de dizer) sobre elas... Todos me amaram. Amaram tanto que deixaram marcas profundas em minha história.

Estas pessoas extraordinárias acabaram sendo um modelo a ser seguido e quando enfim habitei a sala de aula como professora não havia dúvidas de que eu queria amar aquelas crianças de muitas maneiras, mas a primeira delas seria através da audição – Agora sei que também as amo através da escrita, mas só descobri isso agora, depois de ter lido sobre o teu desejo (sinceramente acho que durante essa pesquisa, como professora, saí ganhando mais que você enquanto pesquisadora. Talvez sejam estes os ossos do seu ofício). Posso te contar agora mais uma memória sobre uma criança que meus ouvidos e minha escrita amaram. Se chamava Estrela. Nome bonito e diferente que refletia muito bem sua personalidade.

Estrela foi em minha carreira docente tão marcante quanto Renata. A segunda me fez perceber que enxergar muitas maneiras de existir em sala de aula; a primeira me fez pensar que, proporcionalmente, existem muitos modos de morrer em uma escola. Ela morreu. Morreu de não saber ouvir *não*. Foi o laudo final da autópsia feita horas depois de seu momento final. Sua pele alva, seu olhar estatelado para o horizonte; seu corpinho gelado estirado naquele chão frio, um pouco engordurado pelos pratos semi-cheios, emborcados sobre aquela comida sem gosto, tão fria e sem cor quanto aquela menina. No refeitório daquela instituição Estrela morria.

Gostaria de poder dizer da morte de Estrela que fora rápida, inesperada e que causou grande comoção entre as pessoas que estavam em redor; gostaria de poder traçar para ela uma morte como a de Macabéa (desculpe, mas esta memória também está recheada de meus encontros com a literatura) e, inclusive, pedindo perdão pelo plágio a Clarice, gostaria de poder intitular estas linhas como *A Hora da Estrela*; ou talvez, quem sabe, pudesse pedir licença a Nelson Rodrigues e dizer o mesmo que disse sobre sua *Menina sem Estrela*. Dizer que fizeram de “tudo para salvar aquele sopro de vida [...] lutaram corpo a corpo com a morte. E ela sobreviveu”. Contudo, a Estrela de que agora lembro não merece estas pompas todas.

Não está a altura de tais análises, de tais desfechos, nem de tais poesias. Aquela menina não era nada. Era vazia e sequer podia falar. Emitia uns sons estranhos, quando muito. Era alheia ao mundo. Aliás: já era um imenso favor o mundo aturar sua quase existência. Sim. Estrela não existia. Não pensava. Não sentia. Não era gente.

Na hora do almoço, andava pelo refeitório sorrindo e cantarolando. Não queria se sentar; não queria comer aquela comida pálida; não queria ouvir. Eu bem que tentava compreender e explicar-lhe os motivos de cada regra, de cada momento, de cada negativa, mas por fim deixei-a em paz. Como que sabendo aproveitar aquele raro momento de introspecção e individualidade, naquele fugaz instante em que a liberdade lhe era permitida, naquele segundo em que seu corpo podia movimentar-se como quisesse Estrela não fez mais do que sentar-se no chão; não fez nada além de futucar a fechadura e de mexer na torneira, sentindo gotinhas d'águas escorrer-lhe entre os dedos.

Iniciávamos um bom relacionamento mas eu era desacreditada pelos colegas de trabalho: Era amoral (ouvia constantemente que não sabia “botar moral” na turma) e padecia da mania de ouvir demais, de rir demais, de cantar demais; padecia do mal de entender os motivos alheios, de entender que nascemos livres e vamos nos aprisionando nas regras inventadas para facilitar o sistema de produção fabril. Aliás: eu também estava à beira da morte. Ia mal. Muito mal. Meu caso era grave (gravíssimo! Eu mesma julgava).

Naquela escola eu estava fadada a morrer de *solidão*. Seria o laudo dos especialistas após meu óbito, tenho certeza! Talvez o caso rendesse algum estudo mais aprofundado; talvez fosse citada em casos clinicamente comprovados; talvez dessem meu nome a alguma nova síndrome que assola os professores ano após ano. Mas era fato que morreria dessa solidão absurda, destes tempos sombrios em que, muitas vezes, não encontra eco após um grito longo e desesperado. Morreria da mesma solidão dostoiévskiana do *Diário do Subsolo* e, horas antes da morte, diria de mim mesma: “Acho que meu fígado está mal. Aliás, não entendo patavina de minha doença e nem sequer sei o que me dói”.

Sabe, eu não sabia mesmo que me doía. Era uma dor constante. Era uma dor que sangrava a alma. Era sim o prenúncio da morte. Devia ser. E essa antecipação trazia-me a consciência de que, assim como bem pondera Bakhtin (2010, p.70), nascer, viver e morrer neste mundo são atos que realizamos para outros e não para nós mesmos. Este constatar tornava ainda mais urgente a compreensão de que *vida é o que engloba, no tempo, a existência do outro* Era essa consciência da morte/vida que arrancava-me cotidianamente do inferno do horizonte que se pode vislumbrar determinado e me trazia para o doloroso desafio de viver o amor antes que me chegasse a morte do outro.

E ainda havia a interminável questão da dor que doía sem identificação. Não sabia se a dor vinha de ver aquela mulher enorme segurar a menina entre a cadeira e a mesa, fazendo com que esperneasse, gritasse, espumasse e por fim, virasse com mesa, cadeira, prato e infância chão adentro, ou se era o fato de o mundo continuar acontecendo como fosse aquilo algo normal! Foi sem me consultar, sem esperar que eu dissesse alguma coisa que ela provocara aquela cena. Incomodou-se porque a menina estava sentada próxima a soleira da porta do pátio, conversando com o vento e batendo palmas para o dia. Retirada de seu lugar, obrigada a saborear uma comida indesejada naquele momento, a menina atirou-se ao chão e se pôs a espernear. Eu, atônita, fui acalmá-la. Ao que a colega de trabalho “mais experiente” disse: essa menina não tem jeito! Ela não sabe nada! Você tem que ter pulso firme com ela. Ela precisa aprender!”

Diante daquela cena eu estava atônita. Encarei a mulher; observei Estrela, tão quieta naquele chão frio. Chamei a diretora do lugar que limitou-se a dizer meia dúzia de coisinhas que mais faziam minimizar aquela situação (no mínimo) vexatória, diminuir a criança e por fim, diminuir a minha postura enquanto professora. Mas tudo já me soava tão absurdo que o último motivo nem foi percebido na hora! Ficava dançando em minha mente aquele monte de palavras que enunciavam tudo o que a pequena Estrela não era: não era educada; não era inteligente; não vinha de uma boa família; não era uma menina adorável. Estrela não existia. Não pensava. Não sentia. Não era gente: Estrela tinha dois anos de idade; Estrela era criança.

Chegara a creche inocente de suas negações. Não sabia o tanto que não era. E, não sabendo, levava consigo o mundo todo: uma pequena mochila rosa, um paninho com seu nome bordado e uma chupeta. Assim como quase todas as crianças chegam naquele lugar. Assim como chegara, no começo do ano, Sarah.

Era pequena. Muito pequena e destoava das outras crianças em muitas coisas. Em tamanho, mas também em graça, em alegria, em sorriso. Sarah foi daqueles Pobres-Coitados Seres que Não Existem que chorou dias e dias ao chegar a creche. Aquele lugar imenso; aquele monte de crianças diferentes; aquelas duas mulheres desconhecidas dividindo seus colos para 25 crianças. Sarah tinha, além de tudo, um falso mau-humor que era hilário!

Sentava próximo a sua mochila e resmungava minutos sem fim, mas, mesmo choramingando, resmungando e derramando lágrimas entre bicos e soluços, quando solicitada, ajudava a fazer tarefas simples (como pegar papel, guardar um livro, empurrar a porta). Aos poucos acalmava-se. Gostava de ficar sentada em meu colo. Com o passar dos dias, chorava menos, resmungava menos, brincava e sorria mais. Até que chegou o dia em que desceu do colo da mãe e correu para minhas pernas e com alegria pendurou a mochila, ajeitou

o chinelo e correu ao cesto de livros. Distribuiu livros aos amigos, contou histórias, cantou e até brigou com uns colegas. Você entende o que isso significa?

No dia seguinte (sem exagero: foi no dia seguinte mesmo!) esperei por Sarah. Já havia recebido muitas crianças, mas Sarah não chegava. Quando no refeitório ajudava as crianças a se alimentarem, ouvi o choro, o espernear e os gritos da menina. Sarinha havia sido transferida de turma, sem mais nem porque. Num dia estava aconchegada numa turma; reconhecia sua professora, seus amigos, seu lugar. No outro, tinha uma nova turma, uma nova professora, novos amigos e um novo lugar para chamar de seu. É claro que questionei a transferência, mas recebi como resposta: é assim que as coisas são na política educacional do município.

Acontece que Sarah era de uma turma chamada parcial – turma em que as crianças da creche permanecem na instituição o mesmo período de uma escola regular: 4 horas diárias. A creche era situada numa comunidade violenta e de difícil acesso. Era necessário subir uma ladeira imensa, em que o transporte só podia ser feito a pé, ou por uma Kombi autorizada a subir pelo “tráfico”. Mesmo os carros de moradores e professores só podiam subir a Comunidade por um determinado caminho e, mesmo assim, com o pisca-alerta ligado para identificar seu pertencimento ao local.

Sendo assim, as turmas parciais sofriam bastante evasão. Fora o fato do acesso ser difícil, da permanência das crianças ser reduzida (comparado ao característico atendimento integral à faixa etária), os constantes confrontos entre policiais e traficantes afugentavam bastante as crianças e os responsáveis. De modo que, no ano específico em que tudo isso que agora compartilho com você se passou com Estrela e Sarah, muitas desistências também aconteceram nas chamadas turmas integrais – aquelas em que as crianças passam o dia na creche. E foi assim que Sarah saiu de uma turma e foi colocada em outra de repente.

Nunca foi minha pretensão discutir se era ou não melhor para a organização familiar de Sarah que ela permanecesse o dia inteiro na creche. Provavelmente seria mais fácil para sua mãe conseguir um emprego, ou fazer o que lhe parecesse necessário. Vou me abster também de discutir (ou apenas dizer sob meu próprio ponto de vista) a quem a creche se destina (se à mãe, à criança ou à família). O fato é que ali também me vi fixada na questão da morte. Sarah também morria. Morria de não poder dizer. Sarah morria de *silêncio*.

Morria desse silêncio que muitos adultos atribuem às crianças; daquele silêncio violento que fazem as crianças engolirem goela abaixo seus desejos, seus sonhos, seus sorrisos. E eu, como que para manter a sanidade, fazia força para lembrar tudo aquilo que me fazia sentir e ser uma pessoa melhor. Pensava em minhas literaturas. Lembrei-me então de

Mario Benedetti. Lembrei-me de *A Trégua*. Pensei que todos temos uma trégua na vida, ainda que por um instante, por uma fração de segundos, por um infinito de tempo qualquer. Diante daquela situação, sentia-me tão medíocre em minha impotência – ou mesmo em falta de ânimo – para levantar e combater aquela violência, que pensei, assim como Martín que “o mais trágico é ser medíocre e saber que se é assim e não se conformar com esse destino”

Como me conformar com o fato de que além das mortes isoladas de Estrela e Sarah, viria logo adiante a morte massiva de toda uma creche. Sim. Todas as criancinhas daquele lugar estavam preste a morrer. Todas. Uma a uma. Todas aquelas criancinhas em marcha morreriam tal qual aquelas nos campos nazistas. Todas morreriam de *falta de amor*. Assim seria noticiado nos jornais da imprensa marrom. A foto daquelas crianças mortas pela escadaria da creche, equilibrando-se entre o peso de suas mochilas imensas e pesadas e os gritos de ordem das educadoras que, por sua vez, não faziam mais que reproduzir os gritos de um Sistema que nem sabiam se acreditavam, mas que também não sabiam como combatê-lo. Crianças de um, dois e três anos de idade equilibrando o peso de mochilas apinhadas de roupas e fraldas unicamente para facilitar e agilizar o momento de entrada e saída da creche.

Todas aquelas crianças mortas pela falta de amor ao Outro; Mortas porque só se pode amar esse Outro que existe. Crianças não existem. Quando muito quase chegam a existir as nossas crianças, aquelas que habitam nossa casa, nossas famílias. Talvez quase cheguem a existir as crianças lindas dos comerciais, do comportamento estereotipado perfeito; Quase existem aquelas crianças que desaprenderam suas vontades de crianças e aprenderam os desejos dos adultos; aquelas crianças não. Aquelas não eram dignas nem desse Quase Ser. Eram filhas de bandidos, de pobres, de mulheres loucas, desajuizadas. Aquelas crianças deveriam dar Graças a Deus a sua imensa sorte de estarem ali, alimentadas e banhadas; aquelas crianças não deveriam sofrer a dor da separação de suas mães e de seus irmãos; não deveriam acostumar-se ou criar vínculos com colegas e professores. Deveriam apenas seguir o curso da história. E *não existe salvação histórica* (MORIN, 2012, p.35).

Mas sabe? Talvez, não precisemos de salvação. Talvez precisemos contar a nossa tragédia humana. Contar. Contar até nos dar conta. “As proezas mais ilustres perdem o brilho se não forem cunhadas em palavras”, disse o Alto Rei, de *O Espelho e a Máscara* de Jorge Luis Borges. O Rei ainda teria razão se dissesse que também nossas mazelas precisam ser cunhadas em palavras. Talvez seja preciso registrar que fomos vencidos por nós mesmos. Derrotamos a cada dia nosso futuro. O fazemos cada vez que matamos um pouquinho nossas crianças com nossa incapacidade de amar através da audição, entende?

Por sorte que existe o idioma dos vencidos, disse Galeano (2015,). Vencida eu estava;

e também Estrela; e Sarah. E todas aquelas crianças. Mas “os vencidos acreditam, continuam acreditando, que a palavra é sagrada, porque ela revela a alma de cada coisa” (GALEANO, 2015, p.127). Precisamos revelar nossa alma, todos os dias. Acredito muito nisso e somente por isso continuo tentando. Durante aquele ano todos os dias no refeitório, dei a Sarah meus ouvidos, meu colo, minhas palavras. Como Galeano (2015), eu sei que “acreditam os vencidos que a alma vive nas palavras que a dizem. Se dou minha palavra, me dou”. Durante todo aquele ano tentei e ainda agora tento, todos os dias, dividir com as crianças o peso da rotina diária – especificamente naquele ano sombrio isso significava dividir o peso daquelas mochilas. Tento me refugiar na literatura e não esquecer de Jacques Prévert e sua *Canção do Mês de Maio*. Tento lembrar que tanto em seu poema, como nas escolas, cotidianamente *A vida é uma cereja/ a morte um caroço/ o amor uma cerejeira*.

Sabe, Clara? Muitas vezes penso que só porque é assim que posso acompanhar pequenos milagres diários. Acho que só porque foi assim, com amorosidade, pude ver com alegria Estrela se levantar daquele chão, bater as maõzinhas no short sujo e rumar de volta a torneira; vi as crianças vencerem o desafio de arrastarem suas mochilas escada abaixo, contando com minha ajuda quando necessário; vi Sarah sorrindo de novo, confiante no balanço. Vi e vejo todos os dias, o incrível milagre da ressuscitação daqueles outros que ainda cismam em Não Existir. E depois de tudo isso, sentei e escrevi a história que segue.

Uma Bailarina muito aluada

Aconteceu um dia no país Pontas dos Pés. Centenas de bailarinzinhas (todas muito pequetitas) com suas pequenas sapatilhas e seus lindos Tutus rosas, rodados e brilhantes, acompanharam suas mães Bailarinas (ou suas vovós, ou papais, ou irmãos e irmãs... todos bailarinos e bailarinas) até um lugar tão lindo, rosa e brilhante quanto seus Tutus. Todas as Bailarinazinhas esforçavam-se para imitar suas mães (ou vovó, ou papai, ou etc...): no país Ponta dos Pés todos andavam elegantes e graciosos, com muita postura e muita leveza. Todos calçavam suas lindas sapatilhas e andavam na pontinha dos pés com bastante suavidade e perfeição.

Naquele país todas as Bailarinazinhas aprendiam desde muito cedo a calçar suas sapatilhas e andar bastante na pontinha dos pés. Além disso, aprendiam a manter os cabelos bem presos e penteados; a comer com muito cuidado para não sujar nem um pouquinho seus collants; a andar sempre com cara de gente boazinha; a não falar nem um pouquinho alto (nunca); a não chorar a toa; a não dar gargalhadas muito altas (nunca) e mais um monte de não isso, não aquilo e não mais aquilo outro.

Mas como eu ia dizendo... aquelas Bailarinazinhas foram levadas por suas mães (ou vovós, ou papais, ou irmãos...) para um lugar lindo e brilhante. Bom... isso era o que lhes era contado. As Bailarinazinhas se arrumavam bastante e iam felizes até a Escola (que deveria ser o tal lugar muito rosa e brilhante). Todos diziam maravilhas daquele lugar! Lá elas aprenderiam a ser Bailarinas de verdade!

Mas acontece que uma das centenas de Bailarinazinhas se chamava Lua. E lá estava ela, na fila, juntinha de dezenas de outras bailarinzinhas. Aquele pátio enorme não lhe parecia tão brilhante quanto sua mãe lhe contara: era um pouco rosa. Mas só isso. Ao longe podia ver grandes Bailarinas recebendo as pequeninas. Viu umas estantes com livros; alguns poucos brinquedos e até um grande espelho. Lua, sem pensar duas vezes, correu até a estante de livros, futucou os brinquedos e fez careta diante do espelho. Como se não bastasse, correu bastante pelo pátio. Naquele instante, recebeu olhares reprovadores das grandes Bailarinas que estava ali para orientá-la e fazer dela uma exímia Bailarina (um dia. No futuro.)

Todos os dias Lua ia para a escola. Todos os dias diziam para ela: não corra! Não desça! Não suba! Não chore! Não brinque! Ande nas pontas dos pés! Encolha a barriga! Sente! Olhe adiante! Sorria com suavidade! Fale baixo! Rodopie... Rodopie... Rodopie! E de

todas as coisas, a que Lua menos gostava era de rodopiar! Ela sentia-se enjoada, tonta. Suas pernas doíam... seus pezinhos reclamavam lá de dentro da sapatilha. Então, todos os dias na hora dos rodopios, Lua corria! Tirava as sapatilhas e corria livre! Bagunçava os cabelos, sujava o collant, desalinhava a fila; fazia careta pro espelho e para outras bailarzinhas; gritava e gargalhava; punha as Bailarinas a correr; deixavam-nas descabeladas, cansadas. Algumas ficavam mau-humoradas; outras indiferentes. Mas havia também quem achasse graça das birutices de Lua.

Lua era assim: engraçada, inquieta, atrapalhada e muito feliz. Vivia despenteada, descalça e correndo por aí; ainda não sabia coisas de Ser Bailarina: por enquanto tinha meleca, chupava chupeta e arrancava casquinha de machucado; fazia birra, pedia colo e dormia em qualquer lugar quando o sono aparecia. Lua era uma Bailarinazinha que gostava de ser criança e não se aborrecia (quase nunca) com os nãos que ouvia: preferia (com seu jeitinho aluado) transformá-los em sim!

Para determinadas memórias, um ponto e vírgula.

Prestes a finalizar esta jornada como pesquisadora, não podendo abdicar dos meus eus constituintes, trouxe comigo a professora e a escritora. Como professora, ouvi; como escritora, escrevi sobre um Bakhtin menino, entusiasmado com a vida e com um certo Sr. Valentin; escrevi também o mundo de coisas extraordinárias que ouvi das crianças, professores e responsáveis e, neste ponto, trouxe a pesquisadora com algumas leituras e pensamentos seus e de outros. Depois então de abrir os ouvidos para o cotidiano, de escrever e de analisar todo o percurso, já é tempo de abrir o coração e contar para quem queira ouvir, assim, como quem não quer nada, o extraordinário que sustenta o cotidiano da educação infantil que vivi e ouvi.

Todo cotidiano é único. Este que agora descrevo esteve permeado sempre por inúmeras vozes e linguagens literárias. A professora deste cotidiano formou-se primeiramente pela literatura – e que não se ofenda a academia e seus textos científicos! Há muita importância, principalmente para a formação da pesquisadora que agora escreve, cada texto teórico, mas, em certos momentos, é a professora que me invade sobremaneira e que conta mais um início. E no início era a literatura. Era Jair Vitória e a Porquinha Preta, como já lhes disse; Era Alberto Caeiros e Drummond; era também Gorki e Benedetti; Nelson Rodrigues, Dostoiévski, Graciliano e tantos outros, sem ordem de importância e sem pesos diferentes.

Então agora é a professora que reclama para si a palavra e relembra Estrela e aquele lugar frio. E então resta a pesquisadora abster-se do ponto final e pensar se realmente existe esse ponto. Quando é que se acaba? Antes ou depois de Estrela? Antes ou depois do próximo pensamento? Falávamos antes do pensamento e da palavra que são “convocação”. Mais um ponto e vírgula porque a professora convocou a pesquisadora a pensar uma vez mais.

Penso agora se existe realmente a divisão daquela que a literatura forma e da outra que é formada pela teoria e cientificidade da academia. Provavelmente isso não exista – sei que somos um amontoado de coisas e experiências. Mas algumas vezes, parece que é assim que as coisas se dão em mim: a professora segue em seu cotidiano na educação infantil recorrendo no trabalho com as crianças a literatura como possibilidade de reconhecimento e autoconhecimento; a pesquisadora que conheceu Vygotsky, Wallon, Sarmiento, Bakhtin e tantos outros dialoga com toda a literatura da professora para significar ainda mais seu fazer pedagógico.

Durante a escrita dessa dissertação a literatura da professora também atravessou a pesquisadora na tentativa de tornar a comunicação desta pesquisa mais amorosa possível, dando-lhe o acabamento estético que ajudasse a transparecer , tanto quanto possível, as variadas sensações trazidas a cada história compartilhada pelos sujeitos da pesquisa.

A palavra literária, tanto quanto a palavra científica, nos ajuda a ser e a estar no mundo, incidindo sobre ele e sendo tocados por ele. Toda palavra é rica e desejosa de encontros, penso. E se o que a palavra quer é se encontrar, nossa luta diária consistirá em poder partilhar nossa palavra. Nossa árdua tarefa será o exercício de doar, de ouvir, de falar com outros com a maior gama de palavras possíveis; nossa luta sera para que a palavra seja livre! Nossa briga será para que nesse cotidiano muitas vezes cinza, muitas vezes amargo, muitas vezes cruel, a palavra seja possibilidade que damos ao Outro (e ele também a nós) de incompletude, interpelação e atravessamento para que ele, o Outro, nos faça ser de maneiras muitas que não aquela determinada por nossa triste condição individualista/materialista.

Viva toda palavra que nos liberta, que nos permite contar as agruras e louvar nossas alegrias! Viva a palavra solta, desinteressada, debochada, desbocada! Viva! Viva a palavra desengaiolada, transgressora e fértil! Viva a palavra poética, dolorida, sutil, terna e intensa! Viva as palavras nos muros, nas praças, nos livretos, nos best sellers e nos folhetins! Viva as palavras políticas, as palavras de amor, as palavras de consolo, as palavras proferidas e aquelas que nos fazem pensar! Um Viva a todas palavras livres! Um Viva a todas as palavras que ainda serão livres. Um Viva as palavras que nos fazem viver!

Referências:

- AMORIM, Marília. *Para uma filosofia do ato – válido e inserido no contexto*. BRAIT Beth (org), Bakhtin Dialogismo e polifonia. São Paulo: Ed. Contexto, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail *Questões de literatura e estética*. 12. Ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BARROS, Manoel de. *Poesia Completa – São Paulo: Leya*. 2010
- BENEDETTI, Mario. *A trégua*. Rio de Janeiro: L&PM. 2008.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas II: Rua de Mão Única*. Trad: R.R.Torres Filho e J.C.M. Barbosa. São Paulo:Brasiliense: 1995
- BORGES, Jorge Luis. *O livro de Areia*. São Paulo: MEDIAfashion: 2012
- CERTEAU, M. De. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- D'ÂNGELO, Martha. *Arte, política e educação em Walter Benjamin*. São Paulo: Edições Loyola, 2006
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Diário do Subsolo*. Trad. Oleg Almeida. São Paulo, Martin Claret, 2012.
- EMERSON, Caryl. *Os cem primeiros anos de Mikhail Bakhtin*. Tradução: Pedro Jorgensen Jr. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2003. 350 p.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- GALEANO, Eduardo H. *Bocas do tempo*. Trad: Eric Nepomuceno. Porto Alegre, RS. L&PM, 2015.
- GORKI, Maksim. *Ganhando meu Pão*. Tradução: Boris Schnaiderman – São Paulo: Cosac Naify, 2009. 456,PP.
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rooco, 1998
- MORIN, Edgar. *Para onde vai o mundo?* Trad. Francisco Morás. 3. Ed. Petrópolis, Vozes, 2012.
- PREVERT, Jacques. *Poemas*. Nova Fronteira, 2000.
- PERRAULT, Charles. *Contos de Perrault*; tradução: Maria Stela Gonçalves- São Paulo: Paulus, 2005. P.20 a 22)
- PESSOA, Fernando. *Poemas completos de Alberto Caeiro – São Paulo: ática*, 2007
- RODRIGUES, Nelson. *A Menina Sem Estrela*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SARMENTO, M. J. *Imaginário e culturas da infância*. Texto produzido no âmbito das atividades do Projeto “As marcas dos tempos: a interculturalidade nas culturas da infância”, Projeto POCTI/CED/2002. Disponível em: http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf
- VYGOTYSKY, Lev Semenovitch. *Pensamento e linguagem*. Tradução: Luiz Camargo. Revisão Técnica: José Cipolla Neto – 3º edição – São Paulo: Martins Fontes, 2005.